



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS CHAPECÓ**

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MATEUS FELIPE SOCHA**

**ROMANCES INDUSTRIAIS DO SÉCULO XIX: PROXIMIDADES E  
DISTANCIAMENTOS ENTRE *TEMPOS DIFÍCEIS*, DE CHARLES DICKENS E *NORTE E  
SUL*, DE ELIZABETH GASKELL**

**CHAPECÓ**

**2018**

**MATEUS FELIPE SOCHA**

**ROMANCES INDUSTRIAIS DO SÉCULO XIX: PROXIMIDADES E  
DISTANCIAMENTOS ENTRE *TEMPOS DIFÍCEIS*, DE CHARLES DICKENS E *NORTE E  
SUL*, DE ELIZABETH GASKELL**

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Delcio Marquetti

CHAPECÓ

2018

## Ficha catalográfica

### **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Socha, Mateus Felipe

Romances Industriais do Século XIX: Proximidades e distanciamentos entre Tempos Difíceis, de Charles Dickens e Norte e Sul, de Elizabeth Gaskell / Mateus Felipe Socha. -- 2018.

58 f.

Orientador: Doutor Delcio Marquetti.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. História. 2. Literatura. 3. Revolução Industrial. 4. Tempos Difíceis. 5. Norte e Sul. I. Marquetti, Delcio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

**MATEUS FELIPE SOCHA**

**ROMANCES INDUSTRIAIS DO SÉCULO XIX: PROXIMIDADES E  
DISTANCIAMENTOS ENTRE *TEMPOS DIFÍCEIS*, DE CHARLES DICKENS E *NORTE E  
SUL*, DE ELIZABETH GASKELL**

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do grau de  
Licenciado em História da Universidade Federal da  
Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado em:

05/12/2018

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Delcio Marquetti (UFFS)

Orientador

---

Prof. Dr. Luciano Melo de Paula (UFFS)

---

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga (UFFS)

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Marcelo e Berenice, por toda a paciência, atenção, confiança e inspiração que me dedicaram sempre.

Ao orientador deste trabalho, Dr. Delcio Marquetti, pelo incentivo proporcionado durante todo o desenvolvimento do trabalho e pela inspiração profissional na minha formação.

Aos meus amigos, Jaqueline Buss, Jhonatan Berlanda e Ricardo Berger, pelo companheirismo, fidelidade e incentivo durante toda a vida, sobretudo, neste tempo de graduação.

A todos que são ou foram meus alunos nestes três anos de educação em todas as escolas que tive a oportunidade de trabalhar, por terem alimentado e desenvolvido em mim o amor pela educação e, sobretudo, pelo Ensino de História.

Aos que hesitam

Você diz:  
Nossa causa vai mal.  
A escuridão aumenta. As forças diminuem.  
Agora, depois que trabalhamos por tanto tempo  
Estamos em situação pior que no início.

Mas o inimigo está aí, mais forte do que nunca.  
Sua força parece ter crescido. Ficou com aparência de  
invencível.  
Nosso número se reduz. Nossas palavras de ordem  
Estão em desordem. O inimigo  
Distorceu muitas de nossas palavras  
Até ficarem irreconhecíveis.

Daquilo que dissemos, o que é agora falso:  
Tudo ou alguma coisa?  
Com quem contamos ainda? Somos o que restou, lançado fora  
Da corrente viva? Ficaremos para trás  
Por ninguém compreendidos e a ninguém compreendendo?

Precisamos ter sorte?

Isso você pergunta. Não espere  
Nenhuma resposta senão a sua.

(Bertold Brecht)

## RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar as visões aplicadas sobre a Revolução Industrial, sobretudo sobre a organização e os movimentos dos operários na Inglaterra a partir das obras literárias *Tempos Difíceis*, de autoria de Charles Dickens e da obra *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell. Ambas as obras foram escritas em meados da década de 1850, logo, em pleno auge da industrialização e urbanização da Inglaterra, o que possibilitou aos autores um relato sobre a realidade observada por meio da ficção. Os resultados do trabalho possibilitarão ampliar os olhares sobre o período através da literatura, afinal estes estudos deste tipo ainda estão ganhando espaço no mundo acadêmico. Através da análise das obras literárias, as mesmas serão colocadas em comparação, visando apresentar as proximidades e distanciamentos presentes em determinados temas, como a figura dos patrões, dos empregados e suas relações enquanto protagonistas. Para tanto, partindo do conceito de representação, desenvolvido por Roger Chartier, será realizada a análise das narrativas literárias, que terá como amparo expoentes do estudo sobre História Social Inglesa e da relação entre História e Literatura, como Edward P. Thompson e Raymond Williams.

**Palavras-chave:** *Tempos Difíceis*; *Norte e Sul*; História; Literatura; Revolução Industrial.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to analyze the applied views of the Industrial Revolution, especially on the organization and movements of the workers in England, based on the literary works *Hard Times* by Charles Dickens and the *North and South* works by Elizabeth Gaskell. Both works were written in the mid-1850s, thus, at the height of the industrialization and urbanization of England, which allowed the authors an account of the reality observed through fiction. The results of the study will allow us to broaden our view of the period through the literature, after all, these studies of this type still gaining space in the academic world. Through the analysis of literary works, they will be compared in order to present the proximities and distances present in certain themes, such as the figure of the bosses, the employees and their relationships as protagonists. To do so, starting from the concept of representation, developed by Roger Chartier, will be carried out the analysis of literary narratives, which will have as an exponent of the study of English Social History and the relationship between History and Literature, such as Edward P. Thompson and Raymond Williams.

**Keywords:** *Hard Times; North and South; History; Literature; Industrial Revolution.*



## LISTA DE PERSONAGENS

### PERSONAGENS DE *NORTE E SUL*

*Margaret Hale*: Protagonista do enredo, filha do Sr. e da Sra. Hale, e par amoroso de John Thornton. Responsável por estabelecer um elo narrativo entre a burguesia e o proletariado, dialogando com ambas as classes.

*Sr. Hale*: Pai de Margaret Hale, professor e amigo de John Thornton.

*Sra. Hale*: Mãe de Margaret e esposa do Sr. Hale, mulher melancólica e doente.

*Nicholas Higgins*: Trabalhador e sindicalista da cidade de North Milton, liderança do sindicato local e responsável por mobilizar a greve. Pai de Bessy e Mary Higgins.

*Bessy Higgins*: Filha mais velha de Nicholas Higgins, jovem doente pelo constante contato com a poluição das fábricas. Amiga pessoal de Margaret Hale.

*Mary Higgins*: Filha mais jovem de Nicholas Higgins.

*Sr. John Thornton*: Protagonista masculino da narrativa. Burguês e rico industrialista da cidade de North Milton. Filho do Velho Sr. Thornton e da Sra. Thornton e irmão de Fanny Thornton. Par amoroso de Margaret Hale e aluno e amigo do Sr. Hale.

*Sra. Thornton*: Mãe de John e Fanny Thornton.

*Fanny Thornton*: Irmã de John Thornton e filha da Sra. Thornton.

*Velho Sr. Thornton*: Pai de John e Fanny Thornton, responsável pela decadência e endividamento do sobrenome na cidade de North Milton.

*Boucher*: Operário ligado ao sindicato de North Milton e participante da greve. Colega de sindicato de Nicholas Higgins. Responsável pela desmobilização da greve por tornar-se um “fura-greves”.

### PERSONAGENS DE *TEMPOS DIFÍCEIS*

*Sr. Gradgrind*: Sr. Thomas Gradgrind, atacadista de ferragens aposentado, dono da escola utilitarista da cidade, pai de Louisa e Tom Gradgrind.

*Louisa Gradgrind*: Filha mais velha do Sr. e da Sra. Gradgrind, criada na mais pura educação utilitarista, esposa de do Sr. Josiah Bounderby.

*Thomas “Tom” Gradgrind:* Filho mais velho do Sr. e da Sra. Gradgrind, irmão de Louisa.

*Sr. Josiah Bounderby:* Burguês industrial, amigo pessoal do Sr. Gradgrind e esposo de Louisa Gradgrind. Personagem caricato do espírito capitalista e meritocrático.

*Stephen Blackpool:* Operário (operador de tear) da indústria do Sr. Bounderby. Trabalhador honesto e digno.

*Sra. Blackpool:* Esposa alcoólatra de Stephen Blackpool.

*Rachael:* Operária da fábrica do Sr. Bounderby, amiga e amor platônico de Stephen Blackpool.

*Slackbridge:* Operário e sindicalista exaltado, agitador de massas.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2. CRIADORES E CRIATURAS: CONHECENDO <i>TEMPOS DIFÍCEIS</i> DE CHARLES DICKENS E <i>NORTE E SUL</i> DE ELIZABETH GASKELL</b> .....	17
2.1. DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA .....	17
2.2. CONHECENDO MELHOR CHARLES DICKENS E ELIZABETH GASKELL .....	18
2.3. CENÁRIOS EM CONTRASTE: APRESENTANDO <i>NORTE E SUL</i> E <i>TEMPOS DIFÍCEIS</i> .....	23
<b>3. PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS EM <i>TEMPOS DIFÍCEIS</i> E <i>NORTE E SUL</i>: CIDADES, CLASSES SOCIAIS E OS SEUS CONFLITOS</b> .....	29
3.1 CIDADES PRÁTICAS, PESSOAS INDUSTRIAIS .....	30
<b>3.1.1. Os redutos da burguesia</b> .....	34
3.2 A FIGURA DOS PATRÕES NAS OBRAS LITERÁRIAS: PERSONAGENS ANTAGÔNICOS DO CAPITALISMO.....	36
3.3 <i>HANDS</i> , HOMENS E MÁQUINAS: OS OPERÁRIOS DE NORTH MILTON E COKETOWN .....	39
3.4. AS LUTAS OPERÁRIAS: SINDICATOS E GREVES .....	45
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	56

## 1. INTRODUÇÃO

A partir do século XVIII a Europa se torna um palco de grandes revoluções originadas dentro de seus países em processo de industrialização, metamorfoseando os âmbitos geográficos, sociais e econômicos principalmente a partir da Revolução Industrial. Tendo gênese na Inglaterra, este longo processo de mudança no modo de produção foi responsável por uma série de mutações econômicas de um mundo inglês ainda feudal que estava se adaptando com a ascensão e o desenvolvimento de uma burguesia rural e urbana destacada politicamente após a Revolução Gloriosa de 1688.

O período que antecede a Revolução Industrial é, senão, um estopim que teria como consequência todo o processo de mudanças que ocorreriam ao longo do século XVIII e início do XIX, pois a Inglaterra adaptava sua organização socioeconômica em um sistema agrário concentrado na mão de um proprietário rural capitalista, beneficiado pelos *enclosures*<sup>1</sup>, para produzir lã, além daqueles localizados na América produtores de algodão, responsáveis por alimentar o mercado reunido em torno da burguesia urbana. A real consolidação destas sequentes mudanças não surgiria como algo novo, como afirma Raymond Williams (2011, pp.71-72), porém já viriam ocorrendo desde o século XVI através da substituição do domínio da organização feudal pela ordem capitalista agrária.

A partir da introdução das máquinas que uma nova classe social surge dentro da sociedade inglesa: o proletariado. Esta nova classe social advém, principalmente, de uma grande massa populacional que migrou do campo para os grandes centros urbanos, idealizando uma melhoria na qualidade de vida ao adequarem-se ao capitalismo industrial. Estes trabalhadores tiveram de se adaptar ao novo molde econômico, sujeitaram-se a exploração realizada pelos patrões e as péssimas condições de vida, incluindo a fome, os baixos salários e a péssima qualidade dentro do ambiente de trabalho. Todo este conjunto de aspectos compõe a análise realizada por Friedrich Engels, ainda em 1842, sobre as condições de vida destes trabalhadores fabris durante o século XIX, na sua obra intitulada *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

É errôneo e determinista afirmar que estes proletários apenas sujeitaram-se àquilo que o patronado impunha, como uma classe passiva, pois estas condições que degradavam eram as

---

<sup>1</sup> Os *Enclosures*, ou cercamentos, constituíam-se no processo de privatização e cercamento de terras comunais, restringindo ou extinguindo o uso da terra por grande parte dos camponeses que nela trabalhavam. Iniciado no século XII, tem como auge o período entre os séculos XVI e XIX, principalmente no período posterior à Revolução Gloriosa, quando a nova burguesia agrícola, por meio do Parlamento, eliminou a interferência do Estado no cercamento destas terras, monopolizando-as na mão de uma minoria, e possibilitando o surgimento de arrendatários e a ampliação do número de desempregados na Inglaterra que se tornariam mão-de-obra barata nas cidades industriais (WOOD, 1998, pp. 17; 22).

mesmas que serviam de base para delatar a insatisfação que estes trabalhadores sentiam diante da sua situação e, mais importante, que se unissem e desenvolvessem meios de conquistar uma qualidade melhor de vida. É através de um movimento operário ainda embrionário, como observado por Engels, representado pelos protestos e manifestações, que os trabalhadores denotavam a força do proletariado contra a dominação dos patrões e, com o passar do tempo, conquistaram os direitos desta classe, como o da livre associação através do amparo dos *trade-unions*<sup>2</sup> e aumento nos salários.

Engels, ao observar e analisar as condições e o movimento operário em Manchester – e ampliar a seu ensaio para a Inglaterra –, pôde muito mais do que apenas construir um olhar sobre a relação entre a burguesia e os trabalhadores, mas para além disso, analisou a totalidade que os envolvia, desde a própria fábrica até a construção e organização do ambiente urbano. Sua obra pode servir como fonte histórica pois, como o próprio autor aponta, representa aquilo que viu, ouviu e leu (ENGELS, 1975, p.28) sobre os acontecimentos do determinado momento histórico em que escrevia seu testemunho. Assim como Engels, outros autores do período expuseram suas impressões acerca da condição operária inglesa de meados do século XIX, fossem historiadores, economistas, poetas ou romancistas. Na literatura destacaram-se Elizabeth Gaskell e Charles Dickens que percebiam e diagnosticavam inúmeros problemas ligados a situação da classe operária dentro do ambiente inglês e buscavam, de certa forma, relatar - e denunciar - o cotidiano e a luta de classes destes, através de uma linguagem poética utilizando-se dos artifícios da ficção proporcionada pela literatura.

Neste trabalho utilizam-se duas obras literárias *Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell e *Tempos Difíceis*, de Charles Dickens publicadas entre 1854 e 1855 no jornal londrino *Household Words*. Este jornal, de criação e editoria do próprio Charles Dickens, foi responsável por publicar semanalmente e divulgar por meio de folhetins<sup>3</sup>, estas e inúmeras outras obras. Dickens utilizou do jornal para, como ele próprio afirma, “levar para inúmeros lares, deste mundo agitado ao seu redor, o conhecimento de muitos assombros sociais, bons e

---

<sup>2</sup> Instituições predecessoras dos sindicatos que garantiam a proteção dos operários da tirania da burguesia e reforçava, por meio de ideais antiliberais, a união e a luta da classe operária. Os *trade-Union* ficaram conhecidos por suas ações revolucionárias, principalmente pela organização de greves.

<sup>3</sup> Os folhetins (*feuilleton*) surgiram na França no início do século XIX como a parte destinada para textos de entretenimento nos jornais, localizada na parte inferior, trazendo em seu corpo charadas, piadas, críticas, entre outros pequenos textos. A partir de 1836 os folhetins ganham destaque nos jornais ao trazerem trechos ou capítulos de romances que atraíam em muito o público leitor com a estratégia da curiosidade pela sequência da história. Os “romances-folhetins”, como ficaram assim conhecidos, tiveram como primeira publicação o romance *A velha moça* de Honoré de Balzac, se popularizando no restante do século e levando *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *Crime e Castigo*, de Fiodor Dostoiévski, assim como *Tempos Difíceis* e *Norte e Sul*, analisados neste trabalho, ao conhecimento do público, como uma alternativa popular e de fácil leitura. (MEYER *apud* ALVIM, 2008, pp.02-03).

maus” (DICKENS *apud* GAY, 2010, p.57). O jornal possibilitou ao autor e editor a característica de satirista, a qual iria se orgulhar em muito ao longo da vida, realizando críticas a questões políticas e sociais que o perturbavam.

Os folhetins de *Tempos Difíceis* publicados totalmente no primeiro semestre do ano de 1854, demonstra o cotidiano da cidade fictícia de Coketown, no Norte da Inglaterra, remetendo à situação observada pelo escritor em Manchester, em anos anteriores, e Londres, sua cidade natal. Dentro da história, os personagens desenvolvem-se a partir de um mundo em industrialização, onde sonhos e sentimentos perdem a essência, visando o trabalho e a alienação do povo, apresentados pelas figuras do rico industrialista, o Sr. Bounderby, e do dono da escola com bases utilitaristas, o Sr. Gradgrind, além dos operários e trabalhadores da cidade que também são partes desse sistema, como Stephen Blackpool e Rachael.

Em *Norte e Sul*, publicado entre fins de 1854 e início de 1855 no jornal supracitado, a escritora narra a história de Margaret Hale, uma jovem moça criada dentro dos moldes vitorianos que, após a mudança de seu vilarejo rural no sul inglês para a fictícia cidade de Milton (análoga à Manchester), vê sua vida mudar drasticamente ao perceber muito além das mudanças de cenário, os conflitos entre os patrões e os operários. Sendo a protagonista, Margaret é uma mulher forte, decidida e autônoma que, por toda a obra, media conflitos e busca uma harmonia dentro de uma sociedade tão estratificada. Gaskell apresentou na sua obra as diferenças entre o norte industrial inglês e o sul agrário, mas considerou-se que em *Norte e Sul*, os conflitos foram abordados de forma mais branda devido às críticas direcionadas a sua obra anterior com temática semelhante, intitulada *Mary Barton* (1848), que buscou expressar a vida dos trabalhadores industriais apresentando certa sensibilidade à causa operária, o que desagradou o público leitor.

Tais escritores escrevem do mesmo período histórico e geográfico, logo este trabalho visa compreender em que e como estes escritores convergem e divergem em suas obras acerca de suas visões sobre a Revolução Industrial, sobretudo sobre a organização e luta operária. Percebe-se que estas produções podem ser utilizadas como fontes históricas pois, assim como Engels fez, tanto Elizabeth Gaskell quanto Charles Dickens puderam observar, vivenciar e escrever sobre a realidade do período acerca dos fatos que relataram nas suas obras literárias. No âmbito literário, as obras românticas do século XIX descrevem os olhares dos seus escritores acerca das suas vivências, aplicando um diferente ângulo de visão, ponto-chave da História Cultural, que, como afirma Roger Chartier (2002, pp.16-17), “tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Desta forma, através da análise do enredo e uma sequente análise dos personagens das obras supracitadas, objetiva-se discernir os fatos da ficção e demonstrar a “veracidade” presente dentro do texto literário para que este seja utilizado como fonte histórica, partindo de um diálogo metodológico entre História e Literatura. Por meio do conceito de representação, Chartier afirma que as relações entre o texto literário com aquilo que é real, ou seja, a construção presente no texto que é apresentada como real, se constrói através da situação da escrita característica de cada obra, produzindo muito mais do que apenas uma descrição dos fatos, mas sim uma constituição de princípios e intenções dentro da sua escrita. Neste sentido o texto poético é constituído de grandes possibilidades de leituras e interpretações realizadas pelo leitor, ou seja, não apresentando uma verdade única, mas sim várias possibilidades interpretativas, conhecidas como verdades poéticas (SEPÚLVEDA, 2016, p. 02).

Apesar de ser um tema bastante explorado durante as últimas décadas pela historiografia, ainda há a necessidade de se compreender a Primeira Revolução Industrial e o movimento operário por meio da literatura, compreendendo muito além dos confrontos entre empregadores e operários, as motivações que agitaram os círculos de escritores contemporâneos ao período, tendo em vista compreender as múltiplas visões e interpretações atribuídas sobre os acontecimentos do período. Muito além disso, o tema relacionado ao movimento operário leva a múltiplas interpretações em múltiplos tempos, afinal a luta de classes, como veio a definir pela historiografia marxista este conjunto de conflitos entre patrões e operários, é um fenômeno tão incessante quanto os debates acerca dela mesma.

Ao percebermos a quantidade de trabalhos nacionais que envolvem o tema e o recorte temporal produzidos a partir das análises dos escritores em uma simples olhada nos bancos de dados da CNPQ e do Google Acadêmico, nota-se que uma grande maioria de produções que utilizam como fontes obras de Charles Dickens, principalmente *Tempos Difíceis*, *Oliver Twist* e *Grandes Esperanças*. Entretanto, voltando-se à Elizabeth Gaskell, as produções são ínfimas e recentes, sobretudo devido ao fato de que, apesar de um certo crescimento das publicações de suas obras no Brasil, o interesse pelas obras ainda é restrito a um público ainda não muito vasto. A necessidade de explorar novos olhares, mancomunasse com a possibilidade de encontrar novos caminhos através de uma atividade comparativa entre obras tão ricas.

Este trabalho divide-se em dois capítulos voltados à uma História Cultural, mas dialogando com uma História Social na sua segunda parte. No primeiro capítulo, serão realizadas abordagens da vida de cada um dos escritores e de suas respectivas obras, fundamentadas principalmente a partir dos estudos de Taiane Pereira Silveira (2016) e Erika Paula Matos (2007), que tiveram trabalhos com temáticas semelhantes ao proposto que

envolvem a questão operária presente na literatura de Dickens e Gaskell. Ademais, em um subcapítulo, será realizado um diálogo entre História e Literatura, utilizando de Lynn Hunt (2006) e Sandra Jatahy Pesavento (2003) para contextualizar a escrita de um trabalho voltado à História Cultural e, a partir das obras de Roger Chartier (2002), dar enfoque ao conceito de representação.

No segundo capítulo, destinado a análise das obras em si, tem como objetivo responder à pergunta da pesquisa, onde serão trabalhados em subcapítulos as figuras da burguesia e dos patrões e seu estilo de vida, muito diferente do dos operários, além de analisar as visões sobre a cidade e o progresso no século XIX, tendo como principais referências Raymond Williams (2001; 2011) e Eric Hobsbawm (1988; 2011). Em seguida, o texto aprofundar-se-á nas divergências e proximidades do discurso acerca dos operários ingleses e suas manifestações nas obras literárias, envolvendo estudos de Edward Palmer Thompson (1987; 2012) e Georges Rudé (1991) para embasar o conteúdo, envolvendo a luta de classes entre patrões e empregados e as formas de atuação operária contra a exploração burguesa, além dos posicionamentos dos sindicatos nesse contexto.



## 2. CRIADORES E CRIATURAS: CONHECENDO *TEMPOS DIFÍCIES* DE CHARLES DICKENS E *NORTE E SUL* DE ELIZABETH GASKELL

### 2.1. DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA

Em fins da década de 1980 e início da década de 1990, uma nova geração de historiadores deram início à procura de novos olhares sobre a investigação histórica, para muito além da História das Mentalidades, analisando a natureza e as condições culturais do homem. Esta nova geração abriu espaço para inúmeras outras vertentes históricas, ligadas com a antropologia, a psicologia e a crítica literária, possibilitando interpretações e abrindo um grande leque de probabilidades narrativas sobre o ser humano.

Hippolyte Taine consideraria que,

[...] a verdadeira história apenas se levanta quando o historiador começa a desentranhar, através da distância dos tempos, o homem vivo, em ação, dotado de paixões, munido de hábitos, com sua voz e sua fisionomia, seus gestos e roupas, distinto e completo como aquele que há pouco deixamos na rua (TAINÉ *apud* SOUZA, 2001, p.529).

É fruto desta nova vertente historiográfica, conhecida como Nova História Cultural, a pesquisa histórica através de outros ângulos de visão, como a imaginação histórica presente, também, na literatura. Dentro desta área de pesquisa, o debate sobre a linha que separa o real e o fictício é amplo e inesgotável, pois o conceito de realidade ainda é muito trabalhoso e cheio de “armadilhas”, ao se problematizar; mas o ponto que difere a História da ficção são os vestígios que a realidade aplica sobre os objetos estudados (CHARTIER *apud* RICOEUR, 2002, p. 85). Complementando estes autores, Sandra J. Pesavento (2003, pp.34-35) afirma que há uma forte tradição ocidental que considera a ficção como algo que vai muito além do verdadeiro e do falso, enquanto o real se prende ao fato, este então analisado pelo historiador.

Entretanto, a partir dos estudos de Hayden White e Roger Chartier em fins do século XX, foi possível para os historiadores estabelecer um diálogo mais aberto e fluido entre estas áreas, percebendo que a relação entre a História e a ficção – ou melhor a Literatura – é crucial para que se construa a narrativa do texto, visto que estas áreas representam uma representação do imaginário. Assim como afirmado por Souza (2001, p.529), a Literatura e a História são campos intrínsecos e conexos e, por assim ser, para que se construa a narrativa histórica é necessário, sobretudo, que se imagine aquilo que está sendo representado.

Desta forma, de acordo com Albuquerque Júnior (2007, p. 63) “embora a narrativa histórica não possa ter jamais a liberdade de criação de uma narrativa ficcional, ela nunca poderá se distanciar do fato de que é a narrativa e, portanto, guarda uma relação de

proximidade com o fazer artístico”, afinal, tanto a literatura quanto a história buscam encontrar, cada qual, a sua verdade por caminhos diferentes, através de discursos particulares.

Nesse sentido, de acordo com Krammer (1992, p. 137), o ato de descrever dentro do campo historiográfico “deve levar em conta diferentes formas de imaginação” através de uma filosofia da história, evitando que se abstraia uma narrativa fictícia do ato de escrever história. É possível, então, afirmar que os historiadores se utilizam de narrativas fictícias para construir o conhecimento histórico; narrativas estas baseadas em representações imaginárias sobre a realidade do autor. E é assim que, partindo dessa ideia, Chartier (2002, p. 81) especifica que a história é sempre um relato narrativo que só apresenta diferenças através do contraste dos ordenamentos e das composições do texto, mas também que só é compreendido a partir da leitura que se é feita dele.

A representação do real, proposta por Chartier, estabelece a relação entre o texto literário com a realidade observada, possibilitando uma ampliação do olhar sobre estes textos, responsáveis por se aproximarem muito da realidade histórica. Deve-se compreender que o texto literário não busca fazer uma simples descrição do tema abordado, mas se apresenta como uma realidade narrada através do texto, desenvolvida através da intencionalidade e na temporalidade do seu autor. Todos estes fatores levam a concluir que muito além de um texto formal, a literatura é uma reprodução construída da realidade daqueles que escreveram a obra.

Por assim ser, muito além dos fatos e nomes, a História se utilizará da Literatura para se pensar em valores, sentimentos e sensibilidades de uma época passada, visto que a fonte literária possibilita esta análise. Além do mais, é a partir de um exame crítico do autor, da configuração das obras e do público leitor que será possível o historiador compreender o meio onde esta obra circulava na sociedade em que permanecia, constituindo meio de interpretação sobre o objeto estudado.

## 2.2. CONHECENDO MELHOR CHARLES DICKENS E ELIZABETH GASKELL

Personalidades importantes ao seu tempo, Charles Dickens e Elizabeth Gaskell conquistaram o respeito e a adoração do público inglês a partir de suas obras literárias que, muito mais que encantar seus leitores, apresentavam sensibilidade aos problemas do seu tempo e, de forma muitas vezes irônica e satírica, realizavam uma crítica social sobre a organização da sociedade inglesa do século XIX. Durante o auge do capitalismo industrial, estes escritores encontraram a atmosfera perfeita para expressarem, não através de uma análise puramente sociológica e reformista, mas através da imaginação e da fabulação, sensibilizando os leitores por meio de suas considerações sobre o mundo inglês.

Neste mesmo período histórico, cientistas sociais desenvolviam suas teses a partir do mundo operário e suas transformações geográficas, econômicas e sociais, como Friedrich Engels que publicava *A situação da classe operária inglesa* (1842) apresentando um estudo sociológico dotado de suas visões sobre o operariado de Manchester e suas péssimas condições de vida.

Charles John Huffman Dickens, nasceu em uma família de classe média no ano de 1812 em Landport e, desde muito cedo, teve sua vida marcada pelos temas que seriam futuramente abordados em suas obras literárias. De acordo com um breve levantamento biográfico sobre o escritor<sup>4</sup>, os problemas financeiros enfrentados pela família logo na infância levaram Dickens, então com 12 anos, a trabalhar em uma fábrica de graxa para sapatos, considerados pelo jovem como um martírio que colapsaria com as suas pretensões para o futuro (GAY, 2010, p.49). Apesar do sofrimento enfrentado por Dickens, foi nessa ocasião em que o escritor pôde ter contato com o cotidiano dos trabalhadores e suas condições de trabalho e vida, tais experiências que marcariam sua vida e, posteriormente, suas obras.

Aos 15 anos, passa a trabalhar como auxiliar em uma companhia de advogados e, por seus excelentes serviços, foi indicado e estreou como repórter colaborador da Câmara dos Comuns<sup>5</sup> no ano seguinte, 1828. A importância destes dois empregos na juventude repercute diretamente na sua forma de escrita: o contato com a advocacia e a aproximação com o Legislativo na década de 1830 o propuseram estar próximo e ciente das *Bills* (leis) que agitaram tanto a Inglaterra no período (como a *Reform Bill*, que reformava o sistema eleitoral, e a *Amendment Bill*, que tornava obrigatório o trabalho através de uma estigma moral dispar da realidade econômica), enquanto o contato com o jornalismo possibilitou construir um método descritivo que possibilitaria uma aproximação enorme entre escritor/redator e leitor.

Assim sendo, Dickens prossegue na vida de repórter e editor para os jornais de Londres e inicia sua carreira como escritor sob o pseudônimo “Boz”, desenvolvendo crônicas humoradas sobre inúmeros assuntos. Os jornais onde trabalhava serviam de meio para a

---

<sup>4</sup> C.f. biografia encontrada nas páginas finais de “*Um Conto de Duas Cidades*”, traduzido por Débora Landsberg –responsável pelo levantamento biográfico do autor – publicado pela Editora Estação Liberdade no ano de 2016.

<sup>5</sup> O Parlamento Inglês divide-se em duas partes que, juntas, governam o país: a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns. Durante o século XIX, a primeira compunha-se por duques, marqueses, condes e barões, que por direito constitucional possuíam seus cargos vitalícios e hereditários, considerando-se assim a parte dignificante do Parlamento. A Câmara dos Comuns, por sua vez, considerada a parte eficiente, organizava-se em membros do Parlamento que, ao contrário dos Lordes, eram eleitos pelo povo para discutir e revisar leis que beneficiassem a todos. Durante o século XIX, uma série de leis foram promulgadas pelo Parlamento, partindo da Câmara dos Comuns, que reformularam a política eleitoral inglesa, destacando o *Reform Act*, de 1832 – que iniciou o processo de mudanças sócias –, de 1867 – que estendeu o direito a voto para homens da classe trabalhadora –, e o de 1884 – que ampliou o direito ao voto também aos camponeses do sexo masculino. (BURKE, 2016, p.112; p.360).

publicação de suas novelas e obras no formato de folhetim, como aconteceu com *As Aventuras do Sr. Pickwick* (1836), *Oliver Twist* (1838), *Conto de Natal* (1843) e *David Copperfield* (1849).

Nas suas obras, Charles Dickens adotaria o realismo como vertente literária, indo em total contraposição ao estilo romântico, predominante no início do século XIX. O realismo, de acordo com Márcia Moreira e Mauricio Silva (2009, p.129), era uma escola literária que privilegiava a objetividade, o cientificismo e o racionalismo, tornando o ser humano um verdadeiro componente de uma engrenagem universal. Assumindo um discurso crítico à sociedade inglesa do século XIX, Dickens busca apresentar, através da estética de seus personagens estereotipados – o rico burguês industrialista, o miserável operário – as transformações sociais e morais dos indivíduos, que na luta de classes, perdia seus valores éticos, como a imaginação presente em *Tempos Difíceis*.

Dickens, então, torna-se um

Fervoroso crítico das injustiças sociais, preocupando-se com questões como a pobreza e a marginalidade existentes em sua época, Dickens – ainda nas palavras certeiras de Burgess (2008) – lutava por essas questões, mas acreditava mesmo que as medidas transformadoras deveriam acontecer no interior de cada um. Além disso, lançando mão de uma linguagem clara e objetiva, pode-se dizer que a importância da sua literatura não reside isoladamente na grandeza textual ou na relevância de análises sociais, mas na conjugação entre forma e conteúdo, a bem da expressão literária. (MOREIRA e SILVA, 2009, p.130).

É a partir da publicação de suas obras nos jornais locais que Dickens conquista o amor do seu público leitor que, de acordo com Matos (2007, p.18), “esperavam com entusiasmo os exemplares dos periódicos nos quais eram publicadas as obras de Dickens”. Mas muito além disso, devido ao seu trato com o público através de abordagens cotidianas (adquiridas através da capacidade de escrever o que podia observar), o escritor tinha como “Ás na manga” as leituras públicas de suas obras, realizando assim uma autopromoção de si mesmo e de suas obras, conquistando uma popularidade raríssima entre o público inglês ainda em vida, tornando-se uma figura pública de destaque internacional.

A renda adquirida a partir da venda de suas obras, possibilitou a Charles Dickens viajar por toda a Europa e também aos Estados Unidos da América, ampliando ainda mais seu olhar sobre o mundo e, claro, expondo-o através depois em suas narrativas<sup>6</sup>, mas, acima disso, construindo outros caminhos em busca de leitores, principalmente na América. No auge da sua carreira, em 1850, funda e torna-se editor-geral do jornal semanal londrino *Household*

---

<sup>6</sup> Dickens realizou viagens à países como Itália, Escócia, Irlanda e Suíça, além das constantes viagens aos Estados Unidos para realizar leituras. Destas viagens destacam-se as obras *American Notes*, publicado em 1842; e *Retratos da Itália*, publicado em 1846, ambos por jornais londrinos (LANDSBERG, 2016, pp. 476-477).

*Words*, meio responsável por publicar grande parte de suas grandes obras e estabelecer de forma ampla, críticas e sátiras sobre o mundo inglês. É a criação deste jornal que equilibrará a figura de Dickens como escritor e jornalista e possibilitará a publicação e a difusão ainda maior das suas obras, destacando *A casa soturna* (1853), *Tempos Difíceis* (1854) e *Grandes Esperanças* (1860).

Seu jornal será, na década de 1850, um dos periódicos mais lidos em toda a Londres, denotando ainda mais as suas relações estreitas com o público, mas evitando assusta-lo com ideias radicais, subversivas ou doutrinárias. Para analistas críticos das suas produções, o escritor era um “radicalista sentimental”<sup>7</sup> por seu posicionamento social. Em artigos e em suas obras Dickens era sentimental e buscava expressar seus desejos na literatura, de fato, entretanto não possuía nada de radical.

De acordo com Peter Gay (2010, p.58) odiava mundos recheados de “ismos”, como escreveu em uma carta para uma amiga pessoal, por assim ser decretou que,

Não haveria propaganda em *Household Words* advogando o nivelamento das classes, pois isso seria o temido socialismo. Não haveria utilitarismo, pois era demasiado materialista e demasiado calculista, para ter qualquer atrativo para Dickens; **não deixava espaço para a fantasia.** (Grifo próprio, GAY, 2010, p.58).

A publicação de *Tempos Difíceis*, é para a vida profissional do escritor um marco, pois expressava uma “oposição ao espírito utilitarista” inglês, como criticado no grifo anterior, e a “tentativa de inclusão social” (MATOS, 2007, p. 22), através do relacionamento dos personagens no enredo, por meio de uma crítica a cultura popular, sobretudo, por meio da lógica cruel em que o capitalismo industrial se sustentava através dos mundos em que os personagens do romance viviam. Símbolo de uma grande parte das críticas literárias da sua época destinadas ao escritor, *Tempos Difíceis* destaca ainda mais o que fora afirmado até então, sua proximidade com o cotidiano da sociedade inglesa e com os seus leitores.

Na última década de vida, fixo em Gad’s Hill, região de Kent, vizinha à Londres, Dickens devotou-se apenas a escrita de livros, principalmente após um acidente de trem, em 1865, quando interrompeu de uma vez por todas as leituras públicas. Sequente a isso, veio a sofrer dois derrames, sendo um deles fatal, em 09 de junho de 1870. É possível compreender que Dickens conquistou um público leitor nos grandes centros mundiais, quando vários

---

<sup>7</sup> O termo “radicalista sentimental”, criado pelo economista e ensaísta Walter Bagehot é desconstruído por Peter Gay, afirmando que Dickens era, de fato, sentimentalista – e isto fica muito bem expresso na sua literatura, que tomava assuntos políticos e sociais importantes, transformando-as em instrumento de crítica – mas jamais fora um homem de pensamento radical, afinal defendia a literatura, mas não fazia disso um ofício de luta social, tampouco de instrumento de crítica. (GAY, 2010, p.58).

jornais dentro e fora da Europa dedicaram-se a escrever obituários enaltecendo à sua figura pública (PUGLIA, 2006, pp. 01-02).

Contemporânea à Dickens, Elizabeth Cleghorn Stevenson nasceu em 1810, na cidade de Chelsea, em uma família de classe média-baixa onde viveu apenas até o primeiro ano de vida pois, com a morte da mãe, foi enviada à Knutsford para morar com a tia materna, onde durante sua juventude dedicou-se à educação, sendo criada dentro da ideologia da mulher vitoriana. Somente em 1827, Elizabeth retorna a Londres para cuidar do pai enfermo até sua morte. A mudança de espaços que terminaram em Manchester, possibilitou-a conhecer William Gaskell, quem viria a ser seu esposo (assumindo então o sobrenome Gaskell) e fiel incentivador pelo resto da vida.

As ações beneficentes do marido fazem com que Elizabeth tenha contato com a vida cotidiana dos cidadãos de Manchester, principalmente com os trabalhadores das indústrias e suas famílias. Neste contexto Gaskell pôde observar, com efeito, as ações do capitalismo industrial (pois a cidade de Manchester é conhecida por seu desenvolvimento fabril e como um exemplo fidedigno da Revolução Industrial) e da condição operária consequente da exploração dos proletários. Segundo Alan Shelston (*apud* Silveira, 2016, p.13) a mudança para Manchester é um tonalizante para a prática narrativa da escritora, pois a cidade se tornara um polo da crescente industrialização do período, fato que atraiu olhares e, sobretudo, uma grande atividade intelectual para análise das condições socioeconômicas e/ou cotidianas da cidade, como o supracitado Engels e sua análise do mundo operário.

Entre os anos de 1845 e 1865, Mrs. Gaskell começou a dedicar-se à escrita de romances que envolviam as suas experiências de vida. Sua primeira obra, *Mary Barton* (1848) causou um enorme impacto sobre a sociedade inglesa por dois motivos muito característicos: o primeiro, por trazer uma protagonista mulher autônoma, como o próprio nome da obra já previra; o segundo, por ser uma crítica ao capitalismo industrial. Como assinala Cristina Stevens (2009, p.14),

Embora obra de ficção, *Mary Barton* tem uma importante qualidade documental pois registra as péssimas condições de vida dos pobres, os problemas causados pela subnutrição, falta de sanidade, sujeira, ópio, bebida; ela também discute a importância do movimento cartista e as consequências do seu insucesso. (STEVENS, 2009, p.14).

Este modo de escrita chamou a atenção de diversos outros escritores famosos à sua época, como Jane Austen, Charlotte e Emily Brontë e o próprio Charles Dickens, que tornaram-se amigos de longa data. Outrora, as críticas sobre Gaskell dividiram-se: de um lado, apresentavam-se positivas, assim como também recebeu críticas ferrenhas do seu público

leitor quanto ao seu modo de escrita sensível ao operariado apresentando, principalmente, suas dificuldades, quais repercutiram diretamente na escrita de sua outra grande obra com temática parecida: *Norte e Sul*. Ambos os tipos de críticas foram determinantes na continuidade da prática literária da escritora que viu, através da proximidade com Dickens, a abertura de um espaço para a publicação de suas obras no recém fundado *Household Words*. Este elo foi de suma importância para a publicação de outras obras de Gaskell, como *Lizzie Leigh* (1850), *Cranford* (1851-1853) e, claro, *North and South* (1854), romance famosos da escritora (SILVEIRA, 2016, p.14).

Na verdade Dickens foi muito além de um amigo ou editor de suas obras, mas um fiel leitor e influenciador direto da escrita da escritora, sendo ele responsável por indicar alterações nos capítulos. Na obra, Gaskell suaviza o tom de sua narrativa, mas sem deixar de realizar críticas a divisão da Inglaterra e ao modo de vida dos operários ingleses, apresentando principalmente uma luta de classes com uma sensibilidade à causa operária.

Estes escritores, assim como vários outros por todo o século XIX, dentro e fora da Inglaterra, como George Elliot (pseudônimo de Mary Ann Evans) e Émile Zola, na França, foram responsáveis pela representação das vivências do operariado partindo das suas observações. Seus pensamentos e críticas desenvolviam-se praticamente das suas experiências e dos seus posicionamentos diante das situações, mas tinham como ponto de influência também o retorno do público leitor. Dickens teve uma receptividade maior do que Gaskell, principalmente pelo fator machista da sociedade vitoriana, que menosprezava a prática escrita de temas tão polêmicos, ademais por uma mulher. Destaque maior neste ponto da receptividade é a publicação das obras no Brasil pois, comparando a tradução de ambos os escritores, Gaskell apresenta apenas três obras em português, enquanto Dickens possui mais de uma dúzia.

### 2.3. CENÁRIOS EM CONTRASTE: APRESENTANDO *NORTE E SUL* E *TEMPOS DIFÍCEIS*

*Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell, é uma obra literária publicada em Londres entre os anos de 1854 e 1855, tendo como personagem principal Margaret Hale, uma mulher que se mostra forte e objetiva nos seus pensamentos e ações, e que ao longo da história vem provando tais atributos. Percebe-se que a obra possui uma narrativa muito próxima de outra publicada anteriormente, *Mary Barton* (1848), denotando uma quebra sobre os paradigmas vitorianos, onde a mulher era delicada e se dedicaria única e exclusivamente ao lar. Em ambos os romances, a escritora realiza uma crítica social ao tradicionalismo presente na sociedade,

que iam desde a lógica dos casamentos até a mulher operária, ou como apresenta, “garotas de Milton”.

Após *Mary Barton* despontar como um grande romance industrial, criticando não só a sociedade patriarcal, mas também a miséria dos trabalhadores ingleses, seu novo romance adotaria o título de “Margaret Hale”, seguindo a lógica da personagem e do estilo narrativo anterior. Entretanto, após as críticas recebidas quanto ao título e o enredo da obra de 1848, a escritora acabou sendo aconselhada pelos editores Chapman e Hall (WILLIAMS, 2001, p. 42), a adaptar o título onde abrangesse a divisão entre os ambientes industrial e rural, mais especificamente o Norte e o Sul da Inglaterra, contemplando muito mais o enredo da obra, sem perder a crítica social.

Na verdade, ao longo da obra percebe-se uma grande divisão entre estes mundos, narrados pela protagonista através de mudanças no discurso acerca das regiões, como no processo de troca de ambientes. Para Margaret,

Muitos quilômetros antes de chegarem a Milton [*North Milton - Milton do Norte*], viram uma nuvem cor de chumbo pairando no horizonte, na direção onde a cidade ficava. Em Heston, eles já haviam sentido os primeiros sinais das geadas. Ao se aproximarem da cidade, o ar foi ficando com um leve gosto e cheiro de fumaça. Talvez, quem sabe, fosse mais a falta do cheiro da grama e do mato do que propriamente o gosto e cheiro de fumaça. (*Norte e Sul*, p.115).

O que é destacado no decorrer da obra é, na verdade, uma dicotomia entre ambientes ressaltada por uma idílica Helstone, ao Sul da Inglaterra, quase uma aldeia de contos de fadas, contra uma outra cidade do Norte, Milton do Norte, industrializada e compostas por homens de negócios, que vendem e compram, contratam e trabalham, odiada por Margaret. A beleza, a calma e a liberdade expressas pelo ambiente rural o tornam semelhante a um mundo idílico. A pureza qual a escritora se remete ao ambiente é costumeira na literatura inglesa pois remonta a um mundo diferente daquele observado e convivido nos centros urbanos do século XIX.

A visão idílica da Srta. Hale sobre sua tão amada Helstone, uma pequena aldeia ao sul da Inglaterra morada do seu pai – um ministro clerical da igreja anglicana – e de sua mãe – filha de um antigo aristocrata que abdicou tudo para viver ao lado do esposo que amava –, que logo voltaria a ser também a sua residência, fugindo após vários anos habitando na caótica Londres, com sua tia Shaw, aceitando um pedido dos pais que desejavam que ela tivesse uma educação feminina vitoriana, logo no princípio da obra, demarca situações e experiências vividas por Elizabeth Gaskell durante sua infância e juventude.

Muito além disso, ao longo dos primeiros capítulos, os conflitos que se travam dentro da pequena Helstone são consequência à renúncia do Sr. Hale, pai de Margaret, a seu cargo na



Igreja e, sequencialmente, a mudança de ambientes na busca de um novo ambiente e emprego para sustendo da família, em Milton do Norte. De acordo com a biografia da escritora, percebe-se que esta situação remete a renúncia do pai de Elizabeth Gaskell ao Unitarismo<sup>8</sup> (anos antes do seu nascimento) e as constantes mudanças de cidades que ocorreram na sua vida até o casamento, aplicados sobre a figura de Margaret.

A mudança de cenários e sua adaptação não é bem aceita por todos os personagens apresentados até então, principalmente pela protagonista, afinal seu sonho havia desmoronando e as responsabilidades haviam aumentado sobejamente. No decorrer da obra a mudança de cenários repercute diretamente na saúde e no bem-estar da família, principalmente na Sra. Hale, mãe de Margaret, que adoece logo nos primeiros dias em Milton do Norte. Desta forma, a protagonista assume destaque no cuidado tanto da casa, quanto na divisão do cuidado da mãe com a empregada da família, Dixon.

Tal mudança de cenários traz consigo muito além de preocupações, mas personagens e enredos diferentes que se entrecruzam com a vida de Margaret. O segundo protagonista da história, e de personalidade oposta à de Margaret, é o industrialista Thornton que representava a figura da burguesia industrial do século XIX. Um homem de negócios, sagaz e forte e, à primeira vista, inflexível, como caracterizado por Margaret (*Norte e Sul*, 2016, p. 123) que busca atividades intelectuais com o Sr. Hale, como uma forma de diversão, se esbarra com a jovem dama filha do seu tutor. No decorrer do enredo, a escritora confronta os dois personagens, mas idealizando um final feliz, cujo objetivo “reflete noções românticas” de que os conflitos poderiam ser resolvidos de uma forma que as relações amorosas unissem ideologias diferentes, quebrassem preconceitos e, mais importante, se tornasse um elo geográfico entre o Norte e o Sul da Inglaterra (STEVENS, p. 17).

Dentro deste contexto, o conflito entre o operariado da cidade organizando greves e manifestações contra o abuso de poder, o excesso de trabalho e as melhores condições salariais e de trabalho, aplicados pelos seus patrões, marcado pela presença da família Higgins, operários que a protagonista vai criar um vínculo de proximidade. De um outro lado, os patrões – entre eles a figura do Sr. Thornton – lidam com estes trabalhadores com estratégias desumanizadoras e cruéis, cujo objetivo era desmobilizar o movimento. Entre eles

---

<sup>8</sup> Corrente de pensamento teológico que crê na unidade absoluta de Deus, ou seja, rejeitando o tradicionalismo cristão onde existe a Trindade (Pai, Filho Espírito Santo). Sua ideologia religiosa prega a liberdade do homem em buscar a própria Verdade e a busca pelo crescimento espiritual sem a obrigatoriedade de possuírem uma religião ou doutrina específica para isso. De acordo com os unitários, Jesus Cristo é filho de Deus, não o corpo onde Deus habitou na passagem sobre a Terra, alegando que as passagens bíblicas onde Jesus pensa em si como Deus baseiam-se em mal-entendidos culturais e textuais. Disponível em: <<http://palavracriativa.org.br/site/wp-content/uploads/2014/05/A-DOCTRINA-UNIT%C3%81RIA-PARTE-1.pdf>>. Acesso em: 13 mai. de 2018.

a figura de Margaret que, por algumas vezes, media a situação entre estas classes, marcadamente na passagem da greve e do ataque operário ao Sr. Thornton, como também apresenta posicionamentos diferentes sobre o assunto, mas, na verdade, percebe-se que os dois protagonistas apresentam sentir prazer em discutir um com o outro, devido à petulância de Margaret e o ar de superioridade de Thornton.

Abordando ainda mais profundamente a industrialização e a relação entre patrões e operários na Inglaterra, Charles Dickens também publica seu romance intitulado *Tempos Difíceis* no jornal *Household Words*, em 1854. Nele apresenta a cidade industrial fictícia de Coketown (que pode ser uma representação paralela tanto de Manchester quanto de Preston, no Norte inglês), onde as relações entre os personagens, de classes e níveis sociais distintos, se desenvolvem de forma que todos irão se encontrar e se influenciar em algum momento da narrativa. O romance tem início em uma escola, onde os alunos estão aprendendo sobre fatos, ou melhor, fatos e cálculos, em uma representação fiel do seu tutor, Sr. Gradgrind. Dickens viria a dizer que Thomas Gradgrind era uma representação da sua concepção utilitarista de ensino pois, “com uma régua e uma balança, e a tabuada sempre no bolso, senhor, pronto para pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, e dizer o resultado exato” (*Tempos Difíceis*, p.15), visto que era apenas isto que importava na educação das suas crianças.

A concepção utilitarista que o escritor busca criticar, envolve muito além do utilitarismo de John Stuart Mill e Jeremy Bentham<sup>9</sup>, mas também as correntes ligadas a economia política e estatística, utilizada para descrever a doutrina liberal do século XIX em plena industrialização (MATOS, p.43). Tal concepção, aplicada sobre seus alunos que se assemelhavam a jarros enfileirados disponíveis para serem cheios de conhecimento até

---

<sup>9</sup> Os filósofos citados são Jeremy Bentham (1748-1832) e John Stuart Mill (1806-1873) que desenvolveram o princípio filosófico do utilitarismo, que prega uma série de ações, leis e normas justas que manifestam a “maximização da felicidade do maior número de indivíduos, preocupados em maximizar a diferença positiva entre os prazeres e os sofrimentos” (CAILLÉ, 1990, p.39). A ideia primordial foi criada por Jeremy Bentham, e aprimorada por John Stuart Mill e Henry Sidgwick durante o século XIX. De acordo com *Introdução aos Princípios da Moral e Legislação*, escrito por Bentham em 1789, deve-se haver uma harmonia entre os interesses, mediados por um legislador racional, para que todos saiam ganhando. Bentham afirmava que a legislação possuía quatro subprincípios: a segurança, a sobrevivência, a abundância e a igualdade que seriam determinantes para a consolidação do utilitarismo (GUISÁN, s/d, p.06). John Stuart Mill, discípulo dos ensinamentos de Bentham, aprimora a filosofia utilitarista ao integrar, em sua análise intitulada *Utilitarismo*, que os sentimentos são base para a luta para desenvolver a ideia de felicidade entre os seres humanos que, sentindo a felicidade alheia, conseqüentemente, desenvolveria um grupo/sociedade feliz (GUISÁN, s/d, p.09). Na economia, Bentham e Mill tem como principal influência Adam Smith, no princípio de que “a riqueza é medida pela possibilidade de pagar pelo trabalho dos outros ou pelo seu produto” (), onde Bentham afirma que a produção/o trabalho deixam de ser uma obrigação quando a propriedade se torna um direito adquirido, ou seja, necessária para a subsistência e a acumulação. Bentham e Mill seriam estimuladores, direta e indiretamente, da teoria do valor-trabalho de David Ricardo (1772-1823), que estabelece relações entre o lucro dos patrões e o salário dos empregados (THIRY-CHERQUES, 2002, p.310).

transbordarem, tinha como obrigação suprimir a imaginação e formando pessoas que não inquietam suas mentes com nada supérfluo ou fútil.

A pequena Cecília (Sissy) Jupe, filha do palhaço do circo da cidade, apresentada nesse momento, sofre diante deste endurecimento do pensar. Na verdade, ao adentrarmos no ambiente da cidade, percebemos que tudo era grosseiro, mecânico e industrializado, assim como a cidade industrial deveria ser: funcional e em plena função. A descrição realizada por Dickens do ambiente urbano de Coketown é um dos pilares de interpretação da cidade no segundo capítulo, mas de antemão denota-se que a mesma segue os princípios daquilo pregado pelo utilitarismo inglês, com seus prédios retos marcados pelas chaminés altas e fumegantes, necessárias para o bom funcionamento da sociedade.

Ademais, o romance tem como protagonista a cidade de Coketown – que quase possui vida própria –, que envolve personagens de duas classes distintas: Louisa Gradgrind – filha mais velha do Sr. Gradgrind – e Stephen Blackpool – trabalhador das fábricas da cidade. Nos primeiros capítulos da obra, a Srta. Gradgrind será desposada pelo grande amigo e rico banqueiro e industrialista da cidade, o Sr. Bounderby, que busca poder político dentro Parlamento. Ademais este fato liga, mesmo que indiretamente, a vida dela ao do operário que, ao longo de toda a obra, vão apresentar vidas solitárias e tristes diante da realidade imposta pelo capitalismo.

Na sua contínua crítica ao estilo de vida utilitarista, *Tempos Difíceis* apresenta uma sociedade marcada pela industrialização e pela sua filosofia, com uma cidade dividida em áreas sociais e geográficas: a área industrial e a área onde os trabalhadores habitavam, com a presença do circo. A primeira refere-se ao espírito urbano da cidade industrial capitalista do século XIX idealizada pelo capitalismo, pois como o próprio escritor nos apresenta, Coketown representava aquilo que a classe dominante desejava para sua cidade, com uma ampla estrutura funcional, prática e desenvolvida.

De outro lado, o subúrbio onde os operários e trabalhadores das fábricas habitam, junto com sua miséria, em casebres pequenos, apertados e de salubridade baixa. É interessante analisarmos a figura do circo, um espaço itinerário que, naquele momento, servia de entretenimento daqueles que tanto trabalhavam e também dos filhos do Sr. Gradgrind, onde os problemas da vida cotidiana e os cabrestos da escola desapareciam diante da magia da imaginação.

Por assim dizer, tanto a cidade quanto os personagens da obra de Dickens estão interconectados por meio de um ponto comum: a relação destes com o dinheiro. Mansões enormes e casebres de subúrbio, trabalhadores e patrões, a fábrica e o circo, são ambientes

que juntos compõe uma cidade capitalista marcada pela industrialização. A exploração da mão de obra e a frieza das relações humanas guiam-se pelo pressuposto da ganância capitalista, tendo como motor o capital que se cria e multiplica no interior das paredes avermelhadas da fábrica.

Dando voz aos personagens dos romances criados por Dickens e Gaskell, será possível compreender uma realidade de vida operária comum no período oitocentista. Partindo das experiências de vida dos escritores, as obras representam muito além das condições de vida dos trabalhadores, mas um testemunho de sua época que encontraram nos romances de folhetins o meio para difusão entre a população inglesa. Os diagnósticos realizados pelos escritores se consolidariam nas páginas dos romances muito mais do que um instrumento meramente entretenimento popular, mas se tornariam ferramenta de crítica e denuncia social.

É através da análise da narrativa presente nas obras literárias que estes princípios se unirão em um fio condutor para o segundo capítulo. Conhecendo os escritores, seus lugares de fala e suas críticas sociais, conhecendo as obras e, especialmente, seus personagens o segundo capítulo abordará a luta e o movimento operário presente em ambas as obras, possibilitando uma comparação saudável entre elas para que se compreenda as proximidades no discurso e, mais importante, os distanciamentos acerca da descrição dos ambientes e dos operários ingleses do século XIX.

### **3. PROXIMIDADES E DISTANCIAMENTOS EM *TEMPOS DIFÍCEIS E NORTE E SUL: CIDADES, CLASSES SOCIAIS E OS SEUS CONFLITOS***

As mudanças trazidas pela Revolução Industrial, iniciadas ainda no século XVIII, tiveram seu verdadeiro ápice no século XIX, interferindo diretamente na organização das cidades, na remodelação do campo e na divisão das pessoas em classes sociais cada vez mais separadas pelo acúmulo de capital. As cidades se moldavam de acordo com as suas necessidades: surgiam novas indústrias competindo diretamente com as pequenas e médias oficinas, alargavam-se estradas, levantavam-se muros e paredes de tijolos, subúrbios cresciam as margens das indústrias e das cidades e o dinheiro alimentava cada vez mais o hiato social que havia entre as classes.

De um lado, o progresso com o capital acumulado nas mãos de poucos, as estradas, os bulevares, cafés e praças, mas sobretudo a presença altiva das indústrias, imponentes na paisagem das cidades industriais, seja pelo seu tamanho, pelo seu barulho incessante ou pela poluição que lançava no ar, mas, o barulho e a fumaça simbolizavam muito mais do que apenas poluição, representavam a produção e, claro, o capital que chegava ao patrão.

De outro lado, a miséria e a insegurança dos trabalhadores que nutriam, assim como as matérias primas, as fábricas de forma intensiva. Os baixos salários, as condições de insalubridade, o rigor e a intensa disciplina de trabalho geravam um forte clima de insegurança, como propõe Eric Hobsbawm (2011, p. 335), afinal a qualquer momento o desemprego, a fome ou as doenças poderiam atingir os operários, levando-os a crer em uma imprevisibilidade da própria vida.

Desta forma, em meados do século XIX, com o florescimento da burguesia industrial no interior dos grandes países europeus, como Inglaterra e França, e a exploração constante e incessante da mão de obra dos centros urbanos e, posteriormente, das vítimas do êxodo rural, cresce substancialmente o clima de insatisfação e de insegurança nas grandes cidades industriais europeias.

Dentro desse clima de exploração, patrões e empregados entravam constantemente em conflito para a manutenção do controle ou conquista de melhores condições de vida. Desenvolvia-se na Inglaterra, então, o fenômeno da luta de classes, que Karl Marx e Friedrich Engels viriam a considerar no *Manifesto Comunista* (1848) como o eterno antagonismo presente em cada sociedade, a origem de todas as revoluções entre opressores e oprimidos de toda a história da humanidade (MARX; ENGELS, 2005, p.40).

Por assim ser, as lutas operárias iniciadas ainda nas primeiras décadas do século XIX, como o luddismo e o cartismo na Inglaterra, levaram a mobilização das massas em prol de

melhores condições de vida e trabalho dos trabalhadores. Através de greves e manifestações, além das ações dos *trade unions* e dos sindicatos, dentro e fora das fábricas a voz dos operários começou a ser mais alta do que o próprio ruído das máquinas e tornou-se audível à burguesia. A luta de classes tornou-se um conjunto de ações contra a exploração operária e, sobretudo, mostrou-se por várias e várias vezes uma série de conflitos e confrontos entre patrões, defendidos pela polícia, e trabalhadores, defendidos pelos seus ideais.

Como já dito anteriormente, todas estas ações foram observadas por historiadores, sociólogos, filósofos e escritores literários. Dentre estes últimos, destacam-se Charles Dickens e Elizabeth Gaskell que, a partir de suas observações, fizeram as bases para algumas de suas obras, sendo duas destas analisadas neste trabalho. Ao longo deste segundo capítulo serão exploradas mais a fundo as cidades, os personagens de ambas as classes sociais (burguesia e proletariado) além das lutas sociais que as envolviam, presentes em *Tempos Difíceis* e *Norte e Sul*.

### 3.1 CIDADES PRÁTICAS, PESSOAS INDUSTRIAIS

De acordo com Hobsbawm (2011, p.319), “a cidade era sem dúvida o mais impressionante símbolo exterior do mundo industrial”, pois era a demonstração física do crescimento capitalista no local onde se encontrava. A crescente urbanização e concentração de pessoas nas cidades, o desenvolvimento das fábricas e o progresso industrial eram porta para o exterior, representando as mudanças geradas pelo capitalismo no mundo ocidental.

Igualmente, as cidades, tanto para *Norte e Sul* quanto para *Tempos Difíceis*, são figuras centrais das narrativas, determinando que elas são os cenários onde toda a trama irá se desenrolar. Elizabeth Gaskell escreve sobre a fictícia North Milton, uma cidade industrial situada ao Norte da Inglaterra, enquanto Charles Dickens escreve sobre a também fictícia cidade de Coketown, sem localização específica.

Ambas as cidades compartilham de características comuns a todas as cidades industriais: ruas estreitas, longas chaminés, poluição e agitação popular. Talvez o que melhor denote a industrialização durante os séculos XVIII e XIX sejam as cidades que cresciam em um acelerado ritmo, modificando toda a paisagem e a população que a envolvia. As grandes cidades industriais, como Londres e Manchester, observadas por Engels, eram marcadas por numerosas casas, pelo conglomerado de pessoas que, em multidão, dividiam espaço com carros e carroças (ENGELS, 1975, pp.55-56), serviram de base para as cidades fictícias de North Milton e Coketown, sobretudo porque eram os lares dos escritores literários.

Falando da anatomia da cidade, North Milton se assemelha muito a Coketown na narrativa de suas características. Para a protagonista, a Srta. Margaret Hale, North Milton parecia muito diferente de sua antiga e idílica Helstone – vilarejo rural do sul inglês –, mas muito próxima do que observou em Londres nos anos em que passou tutelada pela tia. Assim,

Em pouco tempo lá estavam eles dando voltas por ruas compridas e retas, sem atrativos, com suas casas iguais, todas pequenas e de tijolos aparentes. Aqui e ali, erguia-se uma fábrica retangular com grandes janelas, como uma galinha entre seus pintos, soltando uma fumaça negra “ultrajante” que de forma ampla se juntava à nuvem carregada que Margaret pensava ser um prenúncio de chuva. Ao caminharem pelas ruas maiores e mais largas da estação até o hotel, pararam muitas vezes. Veículos enormes e pesados bloqueavam a passagem das ruas mais estreitas. Margaret já havia visitado algumas cidades grandes nas andanças com sua tia. Mas nelas os pesados veículos carregados de madeira pareciam destinados a várias finalidades. Aqui, cada veículo, cada carroça e cada caminhão transportava algodão, fosse ele ensacado ou cru ou já tecido em fardos (*Norte e Sul*, pp. 115-116).

Dentro da cidade, a predominância da fábrica entrava em contraste com as pequenas casas que a envolvia, principalmente no seguinte relato:

A Marlborough Street consistia de uma longa fileira de casas pequenas, com um muro vazio, aqui e acolá; [...] [*Ao fundo encontrava-se*] Uma imensa fábrica cheia de janelas, de onde provinha o ruído contínuo das máquinas e o longo ronco de uma máquina a vapor, suficiente para ensurdecer aqueles que viviam ali dentro [...] (*Ibidem*, p.205).

De mesma forma, a cidade de Coketown para Dickens,

Era uma cidade de tijolos vermelhos, ou de tijolos que seriam vermelhos caso as cinzas e a fumaça permitissem; mas, no estado de coisas de então, era uma cidade de vermelhos e negros antinaturais, como o rosto pintado de um selvagem. Era uma cidade de máquinas e chaminés altas, pelas quais se arrastavam perenes e intermináveis serpentes de fumaça que nunca se desenrolavam de todo. Havia um canal negro e um rio que corria púrpura por causa da tintura malcheirosa, e grandes pilhas de edifícios cheios de janelas, onde se ouviam ruídos e tremores o dia inteiro, e onde o pistão das máquinas a vapor trabalhava monótono, para cima e para baixo, como a cabeça de um elefante em estado de loucura melancólica. Havia ruas largas, todas muito semelhantes umas às outras, onde moravam pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas, para fazer o mesmo trabalho [...] (*Tempos Difíceis*, 2014, p.37).

Percebe-se que em ambas as narrativas a cidade possui uma anatomia única, um misto de ruas largas (ruas principais, com maior movimento) e ruas estreitas (secundárias, com um movimento moderado) onde pessoas, em grande maioria trabalhadores, dividem espaço com o movimento de carros e carroças de produtos que alimentavam as fábricas. Fábricas estas que possuem um lugar de destaque – na cidade e no texto – sempre grandes, imponentes, como se as casas que a rodeassem fossem seus filhotes, como afirma Williams (2011, p.261) “as novas cidades industriais organizavam-se em torno dos lugares de trabalho – normalmente uma espécie única de trabalho”. Da mesma forma, a arquitetura das cidades seguia o padrão de tijolos avermelhados, manchados com a fuligem que escapava das chaminés incessantemente.

A poluição atmosférica, citada por ambos escritores sob a analogia de uma longa serpente que seguia até o céu, tornando-o escuro como um dia chuvoso e afetando a coloração original das casas, era consequência do constante trabalho das máquinas movidas a partir da combustão de carvão e a derivados de petróleo. A poluição do ar é um dos maiores problemas ambientais trabalhados por Gaskell, que ao longo de mais de duas dúzias de capítulos, vêm atormentando a Sra. Hale (mãe de Margaret) causando nela indisposição e sendo, posteriormente, uma das causas de sua morte.

Outrora, Dickens carrega seu texto não apenas com a poluição do ar, ao apresentar as altas chaminés de onde saíam longas serpentes de fumaça, mas com a poluição nas águas ao falar do rio que corta Coketown. Dickens era um cidadão londrino e, possivelmente ao escrever *Tempos Difíceis*, retratou a cidade sob o pseudônimo de Coketown. O Rio Tâmisa, que cortava a capital inglesa, foi considerado um dos mais poluídos do mundo, visto o despejo de detritos industriais e esgoto, principalmente durante a crescente populacional do século XIX.

De acordo com Edward P. Thompson (1987, p.185), as novas cidades industriais não possuíam saneamento ou abastecimento de água de qualidade, fazendo com que a população convivesse diariamente com o “mau cheiro do lixo industrial e os esgotos a céu aberto”. Fatores estes, somados à superpopulação das cidades entregavam à população uma péssima qualidade de vida e levavam, sem dúvida, a uma constância de epidemias e doenças que afetavam, sobretudo, à classe trabalhadora, sempre mais vulnerável.

Assim, a cidade possuía vida própria: respirava, através das chaminés; gritava, através dos ruídos das máquinas; e falava, ao som dos burburinhos da população que nelas se amontoavam. As cidades industriais inglesas do século XIX cresceram de forma acelerada e em pouco tempo, insufladas pelo êxodo rural e pela constante busca de trabalho. Raymond Williams (2011, p.259) afirma que o crescimento das cidades industriais do Norte explodiu entre o início e a metade do século XIX, sendo que Londres cresceu cerca de 20%, Manchester mais de 40% e Bradford, cerca de 65%.

Assim como nas fábricas o frenesi das máquinas era constante, nas ruas havia uma turba de pessoas em ininterrupto movimento. Análogos ao personagem mitológico de Lewis Carroll presente em *Alice no País das Maravilhas*, o Coelho Branco, a pressa e o atraso são características destes habitantes urbanos, que correm para suas fábricas e compromissos de forma mecanizada, como autômatos. Sobre estes trabalhadores, então, é imposta uma visão



estereotipada, como afirma Georges Rudé (1991, pp.211-12), de que esses homens compõem “um fenômeno abstrato, sem rosto ou identidade”.

Dickens apresenta essa vida urbana com devida naturalidade, como se fosse algo comum para Coketown, uma particularidade da sua funcionalidade prática, apresentando uma caricatura irônica da sociedade. Dentro de casinhas e por entre estreitas vielas, muito parecidas entre si, “pessoas também semelhantes umas às outras, que saíam e entravam nos mesmos horários, produzindo os mesmos sons nas mesmas calçadas para fazer o mesmo trabalho, e para quem cada dia era o mesmo de ontem e de amanhã, e cada ano o equivalente do próximo e do anterior”. (*Tempos Difíceis*, 2014, p.37).

De outra forma, a escritora Elizabeth Gaskell apresenta, agora mais romantizada, essa multidão de trabalhadores ou de pessoas nas ruas como algo caótico, como se estivessem sempre atrasados para seus compromissos, esperando ou à espera de alguém, afinal “Todas as pessoas que viam, tanto no hotel quanto na rua, davam a impressão de estar correndo apressadas para algum compromisso”. (*Norte e Sul*, 2016, p.111). Muito além disso, ao referir-se propriamente aos trabalhadores durante a ida ou a volta para casa, caracteriza-os como “apressados, com rostos ousados ou destemidos, com risos altos e chacotas principalmente dirigidas àqueles que aparentavam ser de um nível ou posição social superior à deles” (Idem, p.134).

De acordo com Williams (2011, p.263), este fenômeno de “turba” dos operários pode ser caracterizado como,

Um fluxo apressado, aparentemente aleatório, de homens e mulheres, cada um dizendo uma determinada frase fixa, sendo visto numa expressão fixa: uma maneira de rua de ver homens e mulheres. [...] Essas pessoas não chegam exatamente a se relacionar, porém passam umas pelas outras e as vezes se chocam. Também não é frequente que conversem de modo normal. Elas apenas dirigem palavras a outras pessoas, ou nem isso, preocupadas acima de tudo em definir através de palavras a própria identidade e realidade [...] (WILLIAMS, 2011, p.263).

Ao comparar-se os discursos de ambos os escritores, percebe-se que Dickens atribui aos trabalhadores uma homogeneidade na aparência, nas expressões ou ações, como uma grande massa de empregados que seguiam suas vidas trabalhando como se fosse seu destino, sem uma esperança no amanhã. Mas, ao analisarmos Gaskell, percebe-se que, apesar das dificuldades enfrentadas na labuta cotidiana, os operários nos poucos momentos que os separava de casa do trabalho, expressavam reações, seja de deboche ou alegria, demonstrando que apesar das dificuldades enfrentadas pelo cotidiano, ainda eram humanos.

### 3.1.1. Os redutos da burguesia

Dentro das produções, muito além das indústrias e dos cortiços existem as residências da burguesia, destoantes do restante da anatomia da cidade. Lugares que pareciam estar aquém do restante da paisagem urbana, tão grandes quanto as próprias indústrias e muito luxuosas quanto qualquer palácio, mas construídas baseadas no sacrifício humano dos trabalhadores das indústrias. Em *Tempos Difíceis* encontramos a retirada *Stone Lodge*, distante cerca de três quilômetros de Coketown, a residência da família Gradgrind; um reduto utilitarista, tal qual a escola do Sr. Gradgrind, que possuía tudo de mais prático e que evitasse qualquer outra distração ou que instigasse a imaginação dos seus moradores.

De acordo com Dickens (2016, p.24), a *Stone Lodge* era

Uma casa enorme e quadrada, com um pórtico pesado que obscurecia as janelas principais, assim como as pesadas sobrelhas de seu dono sombreavam seus olhos. Uma casa calculada, planejada, equilibrada e testada. Seis janelas de cada lado da porta, seis do outro; doze no total numa ala, doze no total na outra ala; vinte e quatro, somando-se as alas de trás. Um gramado, um jardim e uma pequena entrada, todos regradados e medidos como um livro de contabilidade botânica. [...]; tudo que um coração poderia desejar. (*Tempos Difíceis*, 2014, p.24)

Dentro do princípio utilitarista, onde os Fatos perseveraram sobre todo o resto que não havia utilidade prática, como imaginação (Idem, p.13), que a residência dos Gradgrind era, de fato, tudo que um coração poderia desejar – parafraseando o próprio autor –, perfeita para abrigar a rica família Gradgrind com seus estigmas de organização e simetria. Dentro da residência, as salas e os quartos são pouco detalhados pelo escritor, mas percebemos a existência de uma grande sala com lareira, geralmente onde a Sra. Gradgrind permanecia repousando, o gabinete do Sr. Gradgrind, onde aparece algumas vezes lendo, os grandes quartos, sobretudo o dos jovens Gradgrinds e, os citados uma única vez, os “gabinetes para vários campos da ciência. Tinham um pequeno gabinete de conquiologia<sup>10</sup>, um pequeno gabinete de metalurgia e um pequeno gabinete de mineralogia” (Idem, p.24).

Não apenas estes gabinetes – entretanto destacando a presença destes – mas toda a residência já mencionada representava justamente os princípios do utilitarismo tão defendidos pelo Sr. Gradgrind, e combinavam perfeitamente com a representação da figura do burguês, afinal, Sr. Thomas Gradgrind era “um homem de realidades. Um homem de fatos e cálculos”, que “com uma régua e uma balança, e uma tabuada sempre no bolso, senhor, pronto para pesar e medir qualquer parcela da natureza humana, e dizer o resultado exato!” (*Tempos Difíceis*, 2014, p.15) e, para tal, sua residência, seu refúgio, deveria espantar toda e qualquer ameaça imaginativa que poderia romper com seus princípios.

---

<sup>10</sup> Estudo de conchas.

Em *Norte e Sul*, Elizabeth Gaskell também dedica um tempo para caracterizar e detalhar a moradia dos Thornton, onde o Sr. Thornton junto com a mãe e a irmã moravam. Diferente de *Stone Lodge*, a morada dos Thornton dividia seu terreno a fábrica da família. Na primeira visita à residência do industrialista, Margaret e seu pai se deslocam em uma rua com pequenas casas, todas amontoadas de lado, ao fundo, pela presença da fábrica, presumindo que aquelas casinhas não estariam à altura da família burguesa. Então, ao se aproximarem da fábrica encontraram, um grande portão de entrada que os levava a um grande pátio retangular onde, de um lado, se encontravam vários escritórios comerciais. Do outro lado, então, o pátio dividia-se com a fábrica (já caracterizada anteriormente) e com a presença,

Em um dos lados menores do retângulo, via-se uma elegante casa de pedra, bem verdade que escurecida pela fumaça, porém com a pintura, com as janelas e a escadaria mantidas escrupulosamente limpas. Era evidente que a casa fora construída havia cinquenta ou sessenta anos. A fachada de pedra, as muitas janelas compridas e estreitas, os lances de escadaria subindo de cada lado guarnecidos por um corrimão até a porta de entrada eram testemunhas da sua antiguidade. Margaret ficou imaginando que as pessoas que podiam dar-se ao luxo de morar em casas tão boas e mantidas com tanto esmero não preferiam uma casa menor no campo, ou mesmo em um subúrbio, e sim na incessante confusão e no barulho da fábrica. (*Norte e Sul*, 2016, p.206).

Diferente da caracterização realizada por Dickens, a residência dos Thornton não era friamente calculada, mas possuía adereços e, apesar de marcada pela fuligem e fumaça da fábrica que dividia o terreno da casa, ainda possuía toques de elegância, como a pintura e o corrimão, que diferenciam a casa das demais ao entorno. A diferença entre as residências se dá pela trajetória de vida dos burgueses, afinal Thornton não teve a mesma educação apurada que os Gradgrind durante a infância, tanto que o burguês de *Norte e Sul* viria a buscar sua educação a partir da idade adulta, com o pai de Margaret, o Sr. Hale. Doravante no texto, ao entrarem na casa, a elegância do exterior era substituída por um sentimento de aflição, como expresso por Margaret, pois ao chegarem na sala de estar,

Parecia que ninguém jamais estivera nela desde o dia em que a mobília foi coberta com cuidado como se a casa tivesse sido soterrada pela lava e descoberta centenas de anos depois. As paredes eram cor-de-rosa e douradas: o padrão do tapete representava buquês de flores sobre um fundo claro, mas estava cuidadosamente coberto no centro por um pano de algodão, ordinário e sem cor definida. As cortinas da janela eram de renda. As cadeiras e o sofá tinham uma cobertura individual feita de crochê ou tricô. Grandes conjuntos de alabastro ocupavam as superfícies planas sob redomas de vidro que os protegia da poeira. No meio da sala, exatamente sob o candelabro coberto, havia uma mesa circular, com livros elegantemente encadernados a intervalos regulares em volta de sua circunferência polida, como raios vivamente coloridos de uma roda. Tudo refletia luz; nada a absorvia. A sala tinha um aspecto tão aflitivo, coberto de manchas brilhantes salpicadas de luz, que causou uma impressão muito desagradável a Margaret. [...] por onde quer que seu olhar fosse dirigido, havia evidências de cuidado e trabalho, mas não um cuidado e trabalho com a finalidade de obter conforto, de manter hábitos de uma casa tranquila. Era apenas para ornamentar, e para preservar os enfeites da poeira e da destruição. (Idem, pp. 206-207).

Há uma diferença muito grande na descrição do exterior e do interior da mesma residência. Percebe-se que, apesar do ar de descuido que existe dentro da residência, os móveis e os detalhes demonstram um grande nível de elegância à casa burguesa que resistem a brutalidade que a envolve, apresentados determinados momentos públicos, como a festa na casa dos Thornton que traz à tona toda a beleza que havia por debaixo dos alvos lençóis, ideal da burguesia emergente, buscando enquadrar-se nos padrões da riqueza. O romantismo presente no enredo de Gaskell, traz a residência dos Thornton a ideia de conforto que, para Moretti (2014, p.56), busca “se assemelhar à antiga classe dominante”, dentro da sociedade da corte.

Colocadas em comparação, as obras tendem a se convergir diante do destaque que as residências burguesas possuem, seja com luxuosidade ou estrutura, diante do restante das outras moradias da cidade. Percebe-se, também, que elas têm menos destaque que, apenas, as próprias fábricas, estando próximas ou distante das mesmas. Outrora, ao compararmos as narrativas, percebemos também que, entre elas, existem diversas diferenças, sobretudo na sua questão arquitetônica e estética, exterior ou interior.

### 3.2 A FIGURA DOS PATRÕES NAS OBRAS LITERÁRIAS: PERSONAGENS ANTAGÔNICOS DO CAPITALISMO

As cidades, em sua imensidão e heterogeneidade, abrigavam diferentes classes sociais que existiam em constante dependência uma da outra. Patrões e empregados, para Marx burguesia e proletariado, estariam em uma constante “luta de classes”, entre o opressor e o oprimido, respectivamente. Desta mesma forma, em *Norte e Sul* e *Tempos Difíceis* as relações entre estas classes vem a ser explorada pelos escritores.

Percebemos em ambas as produções literárias a presença dos burgueses, donos das fábricas, ricos e poderosos possuem histórias de superação, baseadas na mais pura meritocracia e que, de acordo com Franco Moretti (2014, p.23), “pertencem a uma série histórica paralela, a algo como uma dupla hélice cultural na qual os espasmos da modernização capitalista são correspondidos e remodelados pela configuração literária”.

Em *Tempos Difíceis*, as figuras burguesas ficam divididas entre o Sr. Gradgrind, como apresentado de forma breve anteriormente, como a personificação do utilitarismo em um homem que poderia medir e calcular tudo, e na figura do Sr. Bounderby, o rico industrialista que vai buscar destaque dentro da história ao se aproximar e se relacionar com o Sr. Gradgrind. Ao analisarmos o Sr. Josiah Bounderby, o principal membro da burguesia de

Coketown, percebe-se que é uma figura baseada no viés meritocrático e, sobretudo, criado e modelado para parecer uma figura construída pelo próprio capitalismo. Na narrativa de Dickens, o Sr. Bounderby

Era rico: banqueiro, comerciante, industrial e tudo mais. Um homem grande e barulhento, de riso e olhar metálicos. Um homem feito de material bruto, que parecia ser esticado para fazer tanto dele. Um homem de cabeça e testa protuberantes, veias dilatadas nas têmporas, e pele tão esticada que parecia manter os olhos abertos e as sobrancelhas erguidas. Um homem cuja aparência geral era a de um balão inflado, pronto para estourar. Um homem que não se cansava de vangloriar-se de ter enriquecido por seu próprio esforço. (*Tempos Difíceis*, 2014, p.29).

Dentro desta citação, destacam-se duas passagens: “Era rico”, presente nas primeiras linhas do texto; e, a última frase, “Um homem que não se cansava de vangloriar-se de ter enriquecido por seu próprio esforço”. A última frase justifica a primeira, afinal, de acordo com a narrativa do texto, foi através do trabalho e do esforço realizado por toda a vida que o capitalista enriqueceu. E, o Sr. Bounderby, não escondia seu passado, carregava-o consigo e apresentava-o como uma medalha de honra ao mérito, justificando suas conquistas e riquezas do presente.

A passagem seguinte, em que o industrial conversa com a esposa do Sr. Gradgrind, demonstra seus garbos exagerados e meritocráticos que justificam seu crescimento moral e econômico. Em seu relato de vida, o Sr. Bounderby aponta sua sôfrega infância, afirmando ser “um dos mais infelizes desgraçadinhos que já se viu” (*Tempos Difíceis*, 2014, p.30), marcada pelas doenças (inflamação pulmonar), pelo abandono da mãe e pela convivência com a avó alcoólatra que o mantinha em uma caixa de ovos e vendia seus sapatos para alimentar o vício. Recheado de exageros, o relato do industrialista se conclui com a reviravolta que o tornou rico e poderoso ao afirmar que,

“Era meu destino superar aquilo, creio eu, Sra. Gradgrind. Destino ou não, foi o que fiz. Superei aquilo, embora ninguém tenha me estendido a mão. Vagabundo, garoto de recados, vagabundo trabalhador braçal, porteiro, escrevente, gerente, sócio minoritário, Josiah Bounderby de Coketown. Estes são meus antecedentes, e o meu ápice. Josiah Bounderby de Coketown aprendeu a ler nas vitrines das lojas, Sra. Gradgrind, e foi capaz de dizer as horas após ter estudado o relógio da torre da igreja de São Giles, em Londres, orientado por um bêbado aleijado que era criminoso condenado e vadio incorrigível. Fale a Josiah Bounderby de Coketown de suas escolas distritais e de suas escolas-modelo, de suas escolas profissionalizantes e de tora a camarilha de escolas; e Josiah Bounderby de Coketown lhe dirá francamente, direto e correto – ele não teve essas vantagens –, mas precisamos de pessoas de cabeça dura e punhos firmes [...]” (Idem, p.30).

A ideia meritocrática de superar as dificuldades e enriquecer por meio do trabalho, garantiu prepotência e arrogância ao rico industrialista. Estes pontos foram bastante explorados por Dickens, afirmando a ideia da exploração dos patrões sobre seus operários,

com punhos firmes e cabeça dura, corroborando a ausência de sentimentos e, talvez, de humanidade.

Entretanto, ao analisarmos o rico industrialista presente em *Norte e Sul*, de Gaskell, percebemos uma figura totalmente diferente, onde a adjetivação aplicada sobre a figura de Bounderby é minimizada diante da figura de John Thornton. Elizabeth Gaskell teve muito cuidado em caracterizá-lo, principalmente porque a narrativa da história se dá a partir da visão de Margaret Hale, a protagonista feminina, assumindo assim um certo olhar romântico sobre a figura do Sr. Thornton, o protagonista masculino.

Na descrição do personagem, a Srta. Hale descreve o industrial de North Milton como “um homem alto, de ombros largos”, com idade por volta de 30 anos, “com um rosto que não é exatamente simples, tampouco bonito, nada especial, nada semelhante ao de um cavalheiro” (*Norte e Sul*, 2016, p.123), muito diferente do rígido e bruto Bounderby presente na literatura de Dickens. Por seu olhar romântico, a escritora prefere adotar para com o burguês uma personificação humana do personagem, garantindo-lhe traços de humanidade e de beleza, comparando-lhe a um cavalheiro, mas sem uma nobre singularidade.

Margaret, no parágrafo seguinte, complementa a figura do Sr. Thornton com adjetivos de praticidade e rispidez diante das expressões e do modo como conversaram. Para ela,

“Com aquela expressão de poder e decisão, nenhum rosto, mesmo com uma aparência bem simples, poderia ser vulgar ou comum. Eu não gostaria de ter de negociar com ele, pois me parece bastante inflexível. No todo, mamãe, parece ser talhado para o que faz. Sagaz e forte, como se espera de um grande negociante”. (Idem, p.123)

Percebe-se que, apesar da personificação humana de Thornton, sobrepunha nele a figura do industrialista. A sua inflexibilidade, assim como em Bounderby, a sagacidade e a força, talhadas na figura do personagem, retornam ao texto reafirmando a ideia do poder exercido pelos industrialistas na sociedade industrial, ou seja, legítimos homens de negócios. Mesmo que personagens muito diferentes, em aparência física, eram próximos em personalidade.

O Sr. Thornton, diferente de Bounderby, era reservado quanto a sua história de vida, evidenciado ao longo do texto com um misto de vergonha e raiva do passado, sobretudo do próprio pai. O passado do industrialista seria revelado não por ele, mas em grande parte pelo pai de Margaret, e, posteriormente, reafirmado de certa forma pela Sra. Thornton (mãe do personagem) que se orgulhava muito mais de quem o filho se tornara, do que propriamente ele mesmo, em alusão direta ao passado do marido e pai de John Thornton, que havia endividado e maculado toda a história da família.

De acordo com o Sr. Hale, o velho Sr. Thornton – pai de John Thornton, o protagonista de *Norte e Sul* – fora um “especulador desenfreado, fracassado” e viciado em jogos de azar que o afastaram dos amigos, o levaram à ruína e ao suicídio. Assim, o jovem John Thornton e sua família (a mãe e a irmã, Fanny) ficaram à mercê do tempo e das desgraças da vida, levando-o a trabalhar muito cedo em uma loja, para sustentar a família, que “alimentava-se apenas de mingau aguado por muito tempo” (*Norte e Sul*, 2016, pp.164-165). A reviravolta na vida da família Thornton se deu, após anos de trabalho de John somados a sociedade de um credor, quando ele retorna à Milton e inicia o débito das dívidas do pai de forma discreta e particular, iniciando um novo momento de prosperidade que o tornaram um dos mais importantes industriais da cidade.

Apesar de serem dois personagens da mesma classe social e compartilharem o mesmo modo de enriquecimento, ambos os escritores os apresentam de formas totalmente diferentes. Dickens, a partir de suas críticas ao utilitarismo, envolve o Sr. Bounderby na premissa dos fatos e das certezas, clássico do estilo realista de onde encontrava sua matriz narrativa. Outrora, Gaskell preferia desenvolver o Sr. Thornton de forma mais romântica, diminuindo-lhe as características obtusas e prepotentes e tornando-o mais humano, justamente pelo fato dele ser um dos protagonistas da história e estabelecer um romance com Margaret.

### 3.3 *HANDS*, HOMENS E MÁQUINAS: OS OPERÁRIOS DE NORTH MILTON E COKETOWN

A força operária, talvez seja, um dos pilares de ambas as narrativas analisadas. Muito antes de adentrarmos nos conflitos que haviam entre patrões e empregados, será preciso identificar e caracterizar os operários dentro de cada uma das narrativas, para melhor compreensão do texto. Tanto em *Tempos Difíceis* quanto em *Norte e Sul* as figuras operárias sofrem com a exploração dos seus empregadores e este será um dos motivos que levará a deflagração de greves e movimentos no decorrer do enredo.

A contratação de famílias inteiras para compor o quadro de funcionários das fábricas era uma das práticas comuns dos patrões, pois além de ser uma alternativa barata de mão de obra, também facilitava no controle e a fidelidade dos operários, como apresenta Michelle Perrot (1988, p. 60). A conclusão da escritora se deu a partir da análise de uma prática comum as indústrias europeias entre fins do século XVIII e parte do XIX, quando famílias inteiras eram contratadas para compor o grupo de operários das fábricas, cada integrante com seu devido salário e função.

Essa prática se apresenta, de forma implícita, em *Norte e Sul*, com a família Higgins. Logo no primeiro contato de Margaret com o operário Nichollas Higgins e sua filha Bessy, são apresentadas ao leitor as condições péssimas da família: um velho trabalhador viúvo que necessita sustentar suas duas filhas – além de Bessy, ainda há Mary, a filha mais nova –, membro do sindicato local que busca melhores condições e direitos aos operários de North Milton; a jovem Mary, que em plena puberdade ainda não havia sido admitida em nenhuma fábrica, ficando responsável pelos serviços domésticos; e Bessy, uma jovem de 18 anos com a saúde extremamente debilitada, devido aos anos de trabalhos na fiação do algodão e inalação da penugem presente no ar.

Apesar das condições de vidas dos trabalhadores algodoeiros tivesse melhorado consideravelmente no passar do século XVIII para o século XIX, com a redução de horas de trabalho e o aprimoramento da ventilação nas fábricas (THOMPSON, 1987, p.196), ainda havia um grande índice de adoecimento dos trabalhadores nas indústrias, vítimas das péssimas condições de trabalho desta área. As crianças, mão de obra muito utilizada até meados da década de 1930, eram as mais afetadas pelas doenças respiratórias, sobretudo, pois eram levadas desde muito cedo para o ambiente fabril e “acostumadas” à sua insalubridade.

Um dos grandes problemas de saúde trazidos à tona por Thompson, a partir do “Primeiro Relatório do Oficial Geral de Registros” (1839), era a tuberculose, que levava à mortalidade cerca de 20% da população mais pobre da cidade de Londres (THOMPSON, 1987, p. 193), além de trazer uma série bastante grande de doenças ligadas ao sistema respiratório, como inflamações nos pulmões e asma. O autor, assim como o médico que se utiliza para embasar o relato, não faz associação direta entre a indústria algodoeira e a causa destas mortes, entretanto justifica que são as péssimas condições de vida e de trabalho que acometem os trabalhadores destas doenças.

Voltando à literatura de Gaskell, a jovem Bessy viria a explicar o que a levava a ter sua enfermidade: a penugem. Para a jovem moça enferma, a penugem era, uma série de “pequenos fiapos que se desprendem quando o algodão está sendo fiado, e enchem o ar até ele ficar tomado por uma poeira branca”, que inalados atingiam diretamente os pulmões, envenenando-os de forma que tornasse os órgãos inutilizáveis (*Norte e Sul*, 2016, p.190). A jovem Bessy expressa uma crítica as condições de insalubridade nos locais de trabalho durante a primeira metade do século XIX, fato constante principalmente na indústria algodoeira, mas também muito comum nas indústrias metalúrgica ou siderúrgica.

Bessy tornar-se-ia um elo importante para ligar Margaret Hale ao seu pai, Nichollas Higgins, o operário de meia idade e sindicalista industrial, ligado a alguns vícios como o uso



de cachimbo e de álcool, como forma de alívio para as tensões cotidianas. É preciso ressaltar que a aproximação da Srta. Hale com a família Higgins se dá em meio a uma grande greve que estava ocorrendo em North Milton, por melhores condições de vida e trabalho, mobilizada inclusive por Higgins.

A miséria da família já era demasiada antes da greve, pois as finanças não garantiam a total seguridade dos Higgins, mas não ao ponto de passarem fome. Entretanto, essa era a realidade de muitas famílias operárias em North Milton, o que consumia o movimento grevista e gerava conflitos entre os operários. Dentro de *Norte e Sul*, Nichollas Higgins entraria em conflito com o companheiro operário John Boucher, por dois motivos específicos: o primeiro, o desespero de Boucher pela fome que se acometia sobre sua família; e, segundo, a sua desfiliação do sindicato operário da cidade após ser um dos responsáveis pela desmobilização da greve por atos impulsivos.

Estes dois operários entrariam em conflito não uma, mas várias vezes ao longo do livro principalmente pelo segundo ponto, ligado ao sindicato e o radicalismo que havia nos seus princípios. Esta instituição garantia aos operários representação e força na luta contra a exploração do patronado, mas, em troca, privava os trabalhadores de trabalhar durante a greve e, logo, de adquirir um salário para o sustento das suas famílias. Boucher, que precisava manter a sobrevivência de toda a sua família, encontrava-se em profundo desespero pois estavam todos morrendo de fome. Considera-se que nenhum destes era radical ou ligado a uma vertente ideológica comum aos sindicatos (socialismo ou anarquismo), mas ambos lutavam pelo bem comum da classe e pela vitória operária.

É importante ressaltar o protagonismo de Higgins dentro do enredo de Gaskell que, apesar de ser um simples operário, dialoga em pé de igualdade com o Sr. Thornton e com a Família Hale. Nicholas Higgins não se considerava um homem letrado, muito menos um apreciador da leitura, como afirma para o Sr. Hale, considerando que “essas bobagens dos livros entram por um ouvido e saem por outro. Não posso fazer nada com elas.” (*Norte e Sul*, 2016, p.401), pois, na verdade, isso justifica-se pelo fato de que Higgins se enquadra no grupo de trabalhadores que, “nas primeiras décadas do século, cerca de dois em cada três operários conseguiam ler de alguma forma, embora fossem menos o que soubessem escrever” (THOMPSON, 2012, p.416).

Durante grande parte dos diálogos entre Higgins e um membro da burguesia, o mesmo apresenta opiniões fortes e contrapontos bem construídos. Ao conversar com Thornton sobre uma vaga de emprego logo após a deflagração da greve, o patrão e o empregado vão estabelecer um diálogo muito peculiar. Ao pedir por trabalho, Higgins ouve de Thornton:

- Trabalho! O senhor é um homem de coragem par vir pedir-me trabalho. Está claro que não lhe falta arrogância.

- Já tive inimigos e caluniadores como superiores, mas nunca ouvi nenhum deles me chamar de resignado – disse Higgins. O sangue lhe subiu um pouco, mais pelo jeito do Sr. Thornton do que pelas palavras que usou.

[...]

- [Higgins] O senhor fez um comentário sobre a minha arrogância, porém eu fui ensinado que devia dizer “sim” ou “não” quando me fosse feita uma pergunta com educação. Eu ficaria grato se me desse trabalho. [...] (*Norte e Sul*, 2016, p. 550-551)

A parcialidade na fala impositiva de Higgins baseia-se na lógica de que os argumentos para os diálogos do operário são construídos “a partir de sua experiência própria e com o recurso à sua instrução errante e arduamente obtida” (THOMPSON, 2012, p.414). Por assim ser, Higgins não poderia ter uma instrução tão adequada, como a do Sr. Thornton, mas argumentava a partir de um misto de suas análises sobre a sociedade onde vivia, somadas as pequenas leituras e diálogos com o Sr. Hale.

Mais adiante em *Norte e Sul*, surgem outros operários que são de suma importância trabalhar ainda neste subcapítulo: os operários irlandeses. Para suprir a mão de obra mobilizada pela greve, o Sr. Thornton realizou a contratação de uma série de operários estrangeiros – irlandeses – para trabalhar na sua fábrica. Considera ele que eram uma mão de obra mais barata e abundante (*Norte e Sul*, 2016, p. 310), do que a plena substituição da mão-de-obra humana pelo maquinário, por exemplo.

E o pensamento de Thornton é recheado de razão – mas de uma razão dos empregadores –, pois a utilização de mão de obra estrangeira era muito comum na Inglaterra, principalmente no século XIX, visto que a miséria que estes viviam no seu país de origem os impeliram à Inglaterra em busca de trabalho desqualificado e, por consequência, salários baixíssimos (ENGELS, 1975, pp.129;132). Como consequência para a Inglaterra, Engels (1975, p.133), recheado de uma visão preconceituosa sobre os estrangeiros, ainda afirma que a “invasão” populacional, que foi massiva nas primeiras décadas de 1800, e cultural, vista por Engels como suja<sup>11</sup>, irlandesa levou ao rebaixamento do salário dos empregados ingleses e,

---

<sup>11</sup> Friedrich Engels, em *A Situação da Classe Trabalhadora Inglesa* (1842) apresenta os operários irlandeses com extremo preconceito e desconsiderando toda a sua cultura e suas dificuldades enfrentadas no século XVIII e XIX. Ao escrever sobre estes trabalhadores, afirma que estes se sujeitam a qualquer tipo de serviço por salários muito baixos e, além de tudo, infectam a cultura inglesa com seus hábitos reprováveis. Para o autor, “estes trabalhadores irlandeses que, por quatro pence, fazem a travessia, frequentemente amontoados como gado na ponte do navio, instalam-se em todo o lado. As piores moradas são bastante boas para eles: as roupas não os preocupam enquanto um único fio as mantem; ignoram o uso de sapatos; a sua comida consiste exclusivamente em batatas; o que ganham para além disso, bebem-no. Porque teriam tais seres necessidade de um salário alto? Os piores bairros de todas as grandes cidades estão povoados de irlandeses. Onde quer que um bairro se distinga particularmente pela sua sujidade e a sua ruína, podemos ter a certeza de ver em maioria estes rostos célticos,

consequentemente, a revolta operária diante da situação operária inglesa. Ainda mais, essa substituição vai gerar, dentro da população de Milton, um desconforto enorme o que garantirá uma ação grevista mais intensa, a qual será melhor discutida mais à frente.

Por sua vez, Charles Dickens em *Tempos Difíceis* prefere nomear os trabalhadores pelo termo pejorativo “*Hands*”, “mão-de-obra” na tradução plena do inglês da edição analisada, como criaturas que compunham a parte prática da cidade, levantando ao primeiro rugido das máquinas e adormecendo junto com seu silenciamento. Estas “mãos-de-obra” eram parte integrante da fábrica que trabalhavam, quase como engrenagens, alimentando-a com sua força de trabalho.

A autora Maria Stella Bresciani (1989, p. 60), em seu livro “Londres e Paris no século XIX” traz as conclusões presentedo pensador Jules Michelet que analisava os trabalhadores franceses, na qual percebia que a degradação humana (física e mental) dos operários se dava a partir da sua total submissão ao mundo do trabalho, tornando homens muito próximos das próprias máquinas. Da mesma forma Dickens, em *Tempos Difíceis*, falava sobre as condições do operariado que devido a

Repetição continuada das mesmas tarefas impostas pela máquina leva o trabalhador superexplorado por uma jornada de trabalho muito longa a viver sob o imperativo de determinações exteriores a ele. Afastado de qualquer atividade de pensamento, estes homens perdem exatamente aquilo que os diferencia dos seres irracionais. No fim do percurso, encontramos homens reduzidos a meros seres instintivos; sua parcela de humanidade se localiza nos sentimentos e não na razão. (BRESCIANI, 1989, p.61).

Desta forma, Dickens apresenta ao público Stephen Blackpool, íntegro operador de tear de meia idade, como principal face do operariado de Coketown. Apesar dos seus 40 anos e dos cabelos grisalhos, Blackpool aparentava ter muito mais do que isso, visto sua vida sofrida como operário da indústria do Sr. Bounderby, onde trabalha cerca de 12 anos, com uma fidelidade que é elogiada pelo próprio patrão ao considera-lo uma “Mão firme” (*Tempos Difíceis*, 2014, p.89), que nunca causou problemas e, com seu trabalho, buscou sua sobrevivência, não crescimento econômico.

Blackpool, junto com sua amiga, a também operária Rachael – tecelã de longos cabelos negros e de idade próxima aos 35 anos –, formavam o contingente de operários que trabalhavam na fábrica do Sr. Bounderby. O escritor de *Tempos Difíceis* daria uma ênfase maior nestes operários visto que, dentro do contexto de homogeneidade humana em que se encontravam, estes operários tinham um olhar diferente sobre a sociedade. Envolvidos em um

---

que se distinguem à primeira vista das fisionomias dos indígenas saxões, e de ouvir aquela pronuncia cantante e aspirada que o irlandês autentico nunca perde.” (ENGELS, 1975, p. 132).

amor platônico e utópico, a sua relação vai trespassar o início de um romance idealizado por Blackpool, mas vai tornar-se base da contradição do operário durante a greve.

Ao longo do relato sobre a vida de Stephen Blackpool, eis que surge a figura de uma mulher misteriosa que atormenta a vida do operário: sua esposa, a Sra. Blackpool (afinal seu nome nunca é anunciado). O grande problema presente na relação do casal é o alcoolismo da mulher que gerou grandes dívidas na vida de Blackpool e os afastou cada vez mais gerando, na visão do operário, sua separação efetiva. O alcoolismo, assim como outros vícios, era comum aos trabalhadores industriais ingleses do século XIX, sendo inclusive apresentado por Engels (1975, p.13) como um ato de fuga desmoralizante diante da desumanização da vida proletária gerada pelo capitalismo e, sobretudo, pelo patrão.

Ainda dentro de *Tempos Difíceis*, surge a figura do operário sindicalista exaltado, o agitador Slackbridge que acusa seu colega, Blackpool, de traição por não aderir ao movimento grevista que se seguirá na cidade. Slackbridge, personagem secundário do enredo de Dickens, é um operário mais jovem que Blackpool e muito mais audaz, de fala rápida e demagógica, que foi capaz de conquistar o grupo que compunha ao movimento para expulsar, de certa forma, e renegar o companheiro.

A presença de Slackbridge no enredo de *Tempos Difíceis* é tão curto quanto o de Boucher em *Norte e Sul*. Isto justifica-se pelo fato destes personagens serem mobilizadores de ações que vão gerar comoções nos personagens principais (Blackpool e Higgins, consecutivamente as obras citadas anteriormente) e mudar seus rumos na história. A rápida presença de Slackbridge vai gerar a “expulsão voluntária” de Blackpool do sindicato e sua demissão na fábrica de Bounderby, o que, conseqüentemente, vai leva-lo a desaparecer por alguns capítulos.

De outra forma, a discussão de Boucher com Higgins, a mobilização e as acusações geradas pela greve e a miséria pela qual a esposa e filhos estavam passando, levaram ao suicídio de Boucher, logo após a greve. Este fato leva a uma grande desmobilização operária e ao início da redenção de Higgins que, frequentando a casa da família Hale, inicia a prática da oração e, deixando o orgulho de lado, busca emprego na fábrica de Thornton.

Sumariamente é importante salientar que, ao abrirem espaços para uma identidade e uma caracterização destes personagens da classe operária, os escritores literários possibilitaram o esfacelamento da ideia de “massa” ou de homogeneidade dos operários ingleses. De fato, todos estavam unidos pela lógica capitalista da exploração do trabalho, entretanto eram grupos que se diferenciavam dentro do grande grupo e, mais importante, entre si. Considerados seres humanos nas produções, estes operários tinham vez, voz e participação

ativa na sociedade onde viviam, sendo protagonistas das obras literárias e, dentro da realidade, dos movimentos que buscavam melhores condições de vida e trabalho para sua classe, unindo-se em sindicatos e lutando, através das greves, pelos seus direitos.

### 3.4. AS LUTAS OPERÁRIAS: SINDICATOS E GREVES

Após várias décadas de exploração, os operários começaram a reivindicar direitos básicos para si mesmos. A partir de pequenos movimentos, manifestações e greves, os operários manifestavam seus desejos de melhoria na estrutura capitalista que os oprimia. A luta de classes, entre opressor e oprimido, como pregada por Marx e Engels, ganhava fundamento nas práticas operárias dos séculos XVIII e XIX, fossem elas organizadas ou instintivas.

Em uma breve cronologia dos movimentos operários ingleses, as greves e reivindicações tiveram como início todo o final do século XVIII, gerando a unificação de vários grupos trabalhadores que levariam suas causas ao próprio rei, em busca de defesa de seus ideais (COGGIOLA, s/d, p.1). No início do século XIX, por sua vez, o movimento luddista ganharia força e colocaria a máquina – que estaria substituído a mão de obra humana – como instrumento de reivindicação e troca, posta como refém do operariado. Desta forma, como aponta Michelle Perrot (1988, p.37), “a destruição dela é um meio de pressão num conflito: *a collective bargaining by riot* (uma negociação coletiva pelo motim) ”.

Claro que estes movimentos sofreriam repressão por parte do governo e da burguesia que não tinha intuito em ceder diante das causas operárias. Unidos por interesses mútuos, burguesia e Parlamento, criaram leis e visaram combater os movimentos operários realizados dentro da Inglaterra. Neste mesmo período os trabalhadores começam a se unir em organizações de reivindicação e de luta, conhecidos primeiramente como *Trade Unions* e, posteriormente, evoluindo para os Sindicatos. Ambas as organizações se formulavam a partir da união dos trabalhadores em prol de uma causa comum ligada a melhoria das condições de vida e de trabalho.

Para Thompson (2012, p.413), os anos 1820 foram decisivos para a luta operária, pois

Foram os anos de luta de Richard Carlile pela liberdade de imprensa; do aumento da força sindical e da revogação das Leis de Associação; do crescimento do livre pensamento, da experiência cooperativa e da teoria owenista. [...] E, no final da década, quando a luta entre a “velha corrupção” e a reforma atingiu o clímax, é possível falar de uma nova forma de consciência dos trabalhadores em relação aos seus interesses e à sua situação enquanto classe. (THOMPSON, 2012, p.413)

Entre as décadas de 1820 e 1840, então, as primeiras grandes reformas vão ampliar os direitos dos trabalhadores ingleses, como a abolição do *Combination Act* (1799)<sup>12</sup>, a homologação do *Factory Act* (1833) e do *Mines and Collieries Act* (1842)<sup>13</sup>, que beneficiariam em muito a vida dos trabalhadores. Ademais, é neste mesmo período que o movimento cartista tem início, em consequência ao *Reform Act* (1832), que unia uma luta por melhores condições de trabalho e renda, além de requerer uma parcela de populares no Parlamento. Assim como muitos dos desejos operários, o Cartismo acabou desconsiderado e suprimido ao longo da década seguinte.

Tais movimentos e associações mexeram nas estruturas sociais e políticas da Inglaterra logo nas primeiras décadas do século XIX e, em grande parte, foram responsáveis por grandes discussões que se estenderiam até o final do século para atingirem uma conclusão definitiva. Desta mesma forma, por agirem em diversos espaços, temas como as lutas operárias chegaram as páginas dos jornais e viraram tema dos folhetins que os acompanhava. Surgiam assim os primeiros romances industriais que tomavam como base as reivindicações destes trabalhadores ingleses, partindo das realidades observadas pelos escritores, dentre eles Charles Dickens e Elisabeth Gaskell.

*Norte e Sul*, de Elizabeth Gaskell, ao se apropriar da questão operária, apresentou ao público leitor seu enredo que somava um conjunto de causas, ações e consequências da greve que ocorreu em North Milton. Diferente do enredo de *Tempos Difíceis*, que apresenta em breves dois capítulos estes pontos, Gaskell preferiu arregimentar todo seu argumento em longos oito capítulos, o que torna a leitura de sua história ainda mais completa. Ao

---

<sup>12</sup> Criado em 1799, decorrente do medo gerado pela Revolução Francesa (1789-1799), o *Combination Act* “impunha penas draconianas para toda e qualquer formação de associação de trabalhadores” ingleses, acabando com toda e qualquer união e mobilização de trabalhadores ingleses, em *trade unions* ou sindicatos, e desmobilizando as possíveis revoltas sociais em prol de direitos trabalhistas. Surgem então as organizações clandestinas que mobilizavam trabalhadores, entre elas o movimento luddista, responsável pela destruição das máquinas. Sofreu alterações no seu estatuto em 1825 onde, “definiu os direitos dos *trade unions*/sindicatos como uma reunião para barganhar salários e condições de trabalho”, mas proibindo a coação dos trabalhadores. Disponível em <<https://www.marxists.org/history/england/combination-laws/index.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

<sup>13</sup> Ambas as leis sancionadas pelo Parlamento regulamentavam o trabalho de mulheres e crianças nas indústrias de alta insalubridade, como a de mineração de carvão, a siderúrgica, a metalúrgica e a têxtil. O *Factory Act*, de 1833, foi responsável por limitar a entrada de crianças menores de 09 anos em determinadas fábricas, reduzindo sua jornada de trabalho semanal para 69 horas semanais. Como consequência desta lei, em 1842 e sancionado a *Mines and Collieries Act*, que proibia meninos com menos de 10 anos e as mulheres de trabalharem em minas de carvão, devido ao seu alto nível de insalubridade. Estas leis foram consideradas grandes vitórias pelos trabalhadores ingleses, apesar de só fazer efeito na década de 1850, na luta por melhores condições de trabalho nas fábricas. Disponível em: <https://www.marxists.org/archive/starr-mark/worker-looks-history/ch16.htm> (Factory Act) e [https://spartacus-educational.com/Mines\\_Collieries\\_Act.htm](https://spartacus-educational.com/Mines_Collieries_Act.htm) (Mines and Collieries Act). Acesso em: 19 nov de 2018.

analisarmos as duas obras percebemos que, em ambas, existem problemas ligados aos salários dos operários e a sua péssima condição de trabalho nas fábricas.

É evidente que ambos os escritores apresentam a figura do sindicato como um mobilizador de massas entre os trabalhadores. Por mais rápida que seja, a aparição do sindicato em *Tempos Difíceis* é apresentada na forma de assembleia, onde os trabalhadores deliberam sobre a “traição” de Blackpool na não adesão da futura greve. Na descrição de Dickens, a assembleia é uma turba de trabalhadores que se unem por uma causa comum: o da luta por vidas, salários e trabalhos melhores. Dentro da reunião,

Cada homem ali acreditava que, de um modo ou de outro, sua vida era pior do que deveria ser; que cada um considerava responsabilidade sua unir-se aos outros para melhorar essa vida; que cada um sentia que a única esperança era aliar-se aos camaradas que estavam ali à sua volta, e que aquela crença, certa ou errada (infelizmente errada, na época), aquela multidão levava solene, profunda e fielmente a sério. (*Tempos Difíceis*, 2014, p. 162).

É perceptível que Dickens atribuía aos operários uma ideia de consciência de classe trabalhadora que, conhecia suas dificuldades e lutava para pôr fim a elas com a união e a luta contra o patronado. Para Thompson (2002, p.277), a ideia de consciência de classe se “delineia segundo o modo como homens e mulheres *vivem* suas relações de produção e segundo a *experiência* de suas situações determinadas, no interior do ‘conjunto de suas relações sociais’”. Desta forma, os operários viam em si mesmos e nos seus camaradas a responsabilidade e a força para se conquistar a melhoria de vida, desta forma, realizavam as assembleias para deliberar sobre os melhores modos e as formas de luta para saírem vencedores.

Em complemento ao parágrafo anterior, o discurso de Slackbridge é enfático ao gritar aos espectadores que somente a união fraterna dos operários garantiria a vitória sobre o patronado.

“Ó meus amigos, oprimidos operários de Coketown! [...] Digo-lhes que é chegada a hora de nos unir, formando uma única força, e derrubar os opressores que há muito tempo se tem cevado da exploração de nossa família, do suor do nosso rosto, do trabalho de nossas mãos, da força dos nossos músculos, dos privilégios sacros e eternos da fraternidade!” (Idem, p.161).

Igualmente em *Norte e Sul*, Elizabeth Gaskell preferiu não apresentar uma assembleia do sindicato física, mas fez da organização sindical uma associação onipresente na vida dos trabalhadores, pois constantemente estes estão conversando ou citando o sindicato e suas ações. Higgins faz parte do sindicato de North Milton como uma das lideranças, por sua integridade, altivez e espírito de luta. Em uma conversa com o Sr. Hale, o operário citaria que,

Os sindicatos foram criados durante aqueles dias de dolorosa opressão: era uma necessidade. Acho que agora também é. O sindicato é uma resistência à injustiça do

passado, do presente e do futuro. Pode parecer com a guerra, que traz os crimes junto com ela. Mas penso que seria um crime maior não dar importância. Nossa única chance é reunir os homens em torno de um interesse comum. (*Norte e Sul*, 2016, p. 407).

Mais à frente, em um diálogo estabelecido com Margaret, Higgins diria que,

Um homem que estiver fora do sindicato vai levar uma vida dura. Mas, uma vez dentro do sindicato, seus interesses são cuidados de forma melhor do que ele próprio poderia fazer por si ou para si mesmo. Esse é o único meio pelo qual os trabalhadores podem conseguir o que lhes é direito, pela união de todos. Quanto mais membros, maior a chance que cada um deles tem, em separado, de que seja feita a justiça. [...]

Ele é um grande poder, ele é nosso único poder (Idem, pp. 506-7).

Para Higgins, então, a visão é próxima da construída por Slackbridge no livro de Dickens, de que somente a união leva a vitória contra a exploração e em prol dos interesses e de melhores condições aos trabalhadores. Dando força a este argumento operário, ao analisarem o sindicalismo, Marx e Engels reafirmaram que

A única potência social que os operários possuem é seu número. Mas a quantidade é anulada pela desunião. Esta desunião dos operários se engendra e perpetua por uma concorrência inevitável. Os sindicatos nasceram dos esforços espontâneos dos operários ao lutar contra as ordens despóticas do capital, para impedir ou ao menos atenuar os efeitos dessa concorrência, modificando os termos do contrato, de forma a se colocarem acima da condição de simples escravos. (MARX *apud* CAMPINHO; LEMOS, 2012, p.03).

Em um ambiente de opressão e exploração, de fato, as organizações operárias eram as garantias de voz e ação dos operários e para que tivessem sucesso a organização e a união dos trabalhadores era essencial. Para tanto, os sindicatos se utilizavam de algumas estratégias para conquistar o maior número de trabalhadores possível, partindo desde a utilização do próprio discurso dos patrões até a exclusão total dos operários da vida pessoal e profissional dos trabalhadores que não aderiam ao sindicato.

Estes são os dois casos que manifestam tanto em *Tempos Difíceis* quanto em *Norte e Sul*. Em ambas as produções temos um operário que discorda das ideologias sindicais e acabam, porventura, sendo “naturalmente expulsos” do meio operário. A dramaticidade do processo é ampliada em tais enredos, visando aumentar o poder de influência e de ação que o sindicato possuía dentro do meio trabalhador.

Stephen Blackpool, em *Tempos Difíceis*, é acusado pelo colega Slackbridge, de forma demagógica, por não aderir à greve no episódio da assembleia do sindicato. Na acusação de traição proferida por Slackbridge, Blackpool é comparado a Judas Iscariotes, além de ser chamado de desertor, covarde e apóstata (*Tempos Difíceis*, 2014, p.163). De acordo com Thompson (2012, p.289) a ação do demagogo é péssima, pois este “é um líder ruim ou



ineficaz”, visto que não se utiliza de “sequer uma estratégia radical bem-formulada, mas [*sim das*] emoções do movimento” que, geralmente, encontrava-se sempre inflamado.

Ao subir ao palco para defender-se das acusações, Stephen justifica o porquê da sua não adesão dizendo, “sou o único trabalhador da fábrica de Bounderby, de todos os homens que estão aqui, que não concorda com os regulamentos propostos. Não posso concordar com eles. Meus amigos, duvido que os regulamentos façam algum bem a vocês. Decerto farão é mal.” (*Tempos Difíceis*, 2014, p.164) e apresentando motivos pessoais que o impelem contra o movimento grevista.

Dickens apresentou claramente os objetivos da greve numa fala seguinte de Blackpool para com Bounderby, que se refere a melhoria na qualidade de trabalho e no aumento dos salários dos empregados, entretanto o regulamento do sindicato diante da greve não aparece explicitamente, sendo sequer mencionado pelo escritor. Entretanto, a fala do operário é recebida com desdém pela grande maioria dos seus companheiros, o que o leva a saber do seu cruel destino. Como consequência da sua dissidência, Blackpool decide se despedir tanto do sindicato, quanto dos seus companheiros de trabalho fazendo um último apelo,

Talvez, quando essa questão for abordada e discutida, haja o risco de que não permitam que eu trabalhe com vocês. Espero morrer antes que esse momento chegue, e vou trabalhar sozinho entre vocês, se ele chegar – de verdade, meus amigos, devo fazer isso; não para desafiá-los, mas para viver. Não tenho nada do que viver, a não ser do meu trabalho; [...] Não me queixo se me derem as costas, se me isolarem e me ignorarem daqui para a frente, mas espero que me deixem trabalhar. Se existe algum direito para mim, meus amigos, acho que é este. (Idem, p.166)

Esta decisão de Blackpool o levou ao total isolamento por seus colegas de trabalho, que o permitiram trabalhar normalmente na indústria de Bounderby, porém foi isolado dos demais colegas de trabalho seja na fábrica ou fora dela. Os trabalhadores, em um consenso, evitavam todo e qualquer contato com Stephen, negando-lhe a palavra e até mesmo os olhares. O isolamento a qual foi submetido pelos colegas de trabalho o fez se afastar, inclusive, de Rachael, para impedir qualquer ato de represália contra ele.

Dentro de *Norte e Sul*, esta prática é melhor explorada a partir das palavras do sindicalista Nicholas Higgins, que ao ser questionado sobre as ações do sindicato para punir ou para trazer/manter os operários para dentro do sindicato, o responde desta forma

Se um homem não pertence ao sindicato, os que trabalham nos teares próximos a ele recebem ordens de não lhe dirigir a palavra, mesmo que ele esteja triste ou se sentindo doente, não faz diferença. Ele está fora dos nossos limites. Não é um dos nossos. Está entre nós, trabalha entre nós, mas não é um dos nossos. Em alguns lugares, aqueles que falam com ele são multados. Imagine isso, senhorita. Tente viver uma no ou dois entre homens que olham para o lado, se você olha para eles. Tente trabalhar, senhorita, a menos de dois metros de outros homens que a senhorita

conhece e sabe que guardam um rancor opressivo pela senhorita no coração. (*Norte e Sul*, 2016, p.406).

Voltando a Dickens, passados quatro dias de isolamento, Blackpool foi chamado pelo patrão, o Sr. Bounderby, que exigia saber qual a reivindicação das “pragas da terra”, “rebeldes e “patifes” – adjetivos utilizados por Bounderby para caracterizar os grevistas – e o porquê de Stephen não ter aderido à greve. Em meio a respostas orgulhosas, defendendo os operários e a firmeza na decisão tomada pelo trabalhador, Bounderby decide demiti-lo da sua fábrica, fazendo com que ele recebesse automaticamente um estigma: a de operário demitido. Sabia ele e, em diálogo com Rachael, que um operário demitido possuía má fama com todos os patrões da cidade que dificultava na sua busca por um novo emprego. Desta forma, após várias segregações, Stephen Blackpool deixa para sempre a cidade de Coketown. Dentro do enredo de *Tempos Difíceis*, a greve sequer acontece, tendo surgido apenas um prenúncio da mesma ao longo de todo o livro.

Em *Norte e Sul*, por sua vez, Boucher fora considerado a “ovelha negra” do sindicato qual estava filiado. Após o início da greve em North Milton, impulsionada pelo aumento de 5% nos salários dos empregados da cidade, algumas famílias começaram a perecer de fome, visto que, com seus baixíssimos salários, não possuíam reservas para se manterem longe do emprego. Para Hobsbawm (2011, p.336) eram raros os trabalhadores que conseguiam viver de economias, visto que a grande maioria dos trabalhadores viviam muito próximo da miséria. Uma destas miseráveis famílias é a de John Boucher, que possuía a esposa e mais quatro filhos para alimentar, sendo que todos estavam morrendo de fome. O operário então busca a ajuda de Higgins, que integrava a liderança do sindicato, para pedir-lhe ajuda, sobretudo para comprar alimentos.

Higgins reverbera contra o companheiro operário afirmando, “tenho algum dinheiro e agora mesmo iremos comprar um pouco de leite e uma broa grande. O que é meu é seu, tenha certeza, caso precise. Só não perca a coragem, homem!” (*Norte e Sul*, 2016, p.278). Voltando a frisar que a união era o que gerava força ao sindicato e ao movimento, Higgins promete a Boucher que tão logo os patrões, chamados de tiranos, implorarão pelo retorno dos empregados a fábrica. A resposta de Boucher é uma dura crítica ao sindicato e sua política extremista,

“Você sabe bem o que um tirano ainda pior do que os patrões está dizendo: ‘Morreram de fome, e vejam todos morrerem de fome antes de se atreverem a voltar para o sindicato’. Você sabe bem, Nicholas, porque você é um deles. Você pode ser uma pessoa de coração bom, individualmente, mas, uma vez que se junta com os outros, não tem mais pena do que um lobo feroz louco de fome teria de um homem”. (Idem, p.278).

A partir deste momento a crença de Boucher no sindicato desaparece quase com que totalmente, vítima da ameaça de morte por inanição. Após este diálogo entre os operários, e depois de mais de três semanas em greve, surge a notícia de que o Sr. Thornton havia substituído a mão e obra inglesa grevista, por mão de obra irlandesa – mais barata, como dito anteriormente – fazendo com que os operários agissem, tomados de ódio, contra seu patrão, para que ele ouça suas reivindicações e, sobretudo, que expulse os irlandeses de volta a sua terra. Thompson (2012, p.250-251) considera que o radicalismo dos operários não era nenhum fenômeno novo, dentro da sociedade inglesa, mas sim, ele ganha consistência, organização e consciência de classe a partir de 1815, além de se fazer um movimento de toda a comunidade operária.

De acordo com um pensamento de Margaret, os grevistas eram

Esqueléticos como lobos e doídos por uma presa. Ela sabia como era isso. Todos eram como Boucher – com crianças mortas de fome em casa – confiantes no sucesso final de seus esforços para conseguir melhores salários, e enraivecidos além da medida por terem descoberto que os irlandeses foram trazidos para roubar o pão dos seus pequenos. (*Norte e Sul*, 2016, p. 316).

Assim, a onda grevista marcha sobre as ruas de Marlborough Street rumo a indústria de Thornton, na figura de uma “sombria multidão que vinha crescendo com sua crista ameaçadora, revirando-se e retrocedendo na extremidade afastada” (Idem, p.307). Entre eles havia a presença de Margaret que, deslocando-se para visitar a família Thornton, observava tudo com medo e confusão, por não se dar conta do que estava ao seu redor. Margaret, recolhida para dentro da residência pela Sra. Thornton e por sua filha, Fanny, permanecendo trancada junto todos os empregados, que observavam a fúria operária que se dava no exterior da residência.

Para controlar a situação, após comunicar a polícia, o próprio Sr. Thornton surge nas portas da casa gerando um grave momento de tensão: em um plano mais alto, encontrava-se o burguês industrialista imóvel, afirmando não ceder às ameaças grevistas; no plano mais baixo, encontrava-se a multidão enraivecida carregando em suas mãos projéteis (sapatos ou pedras) prontos para serem atirados. Dentro da literatura romântica, em um ímpeto heroico, Margaret se interpõe entre os grevistas e o Sr. Thornton e, em sua defesa, é agredida por uma pedra atirada pelos operários exaltados.

Logo em sequência, iniciou-se uma grande desmobilização que deu fim à greve, ora pela situação ocorrida com Margaret, ora pela aproximação dos soldados. Era muito comum o uso de aparatos violentos, sejam ligados ao Estado ou milícias contratadas, para reprimir os movimentos grevistas e/ou coagir os operários a se desfilarem dos sindicatos (BORGES,

2006, pp. 6-7). De acordo com a própria escritora, “punição e penas eram as consequências naturais para aqueles que tomaram parte nas arruaças. Tudo que fosse necessário, a fim de proteger a propriedade e para que o proprietário pudesse cortar o mal pela raiz com um golpe afiado como um golpe de uma espada” (*Norte e Sul*, 2016, p.334).

A partir da desmobilização do movimento grevista, as coisas dentro de North Milton começam a mudar os abusos dos patrões entram em prática. Momentos depois da mobilização operária, Thornton demite os irlandeses e os envia de volta para seu país de origem, garantindo que uma nova manifestação não tivesse bases para ocorrer. Em seguida, o burguês se utiliza da ação policial para caçar todos os envolvidos na manifestação, sobretudo as lideranças.

Em conversa com Bessy Higgins, a mesma confia a Margaret que o grande problema da greve foi a ação dos “fura-greves”, que agiram contra o sindicato e organizaram a manifestação, visto a condição miserável e deplorável que os operários e suas famílias se encontravam. Um dos fura-greves fora Boucher que, nas palavras de Bessy, agiu como um “Judas”. Percebe-se, em ambas as obras, uma forte analogia com a religião católica, atribuindo aos operários antissindicalistas a alcunha do traidor de Cristo. Por assim ser, Boucher é denunciado para a polícia e, além disso, expulso do sindicato.

Mais à frente, em conversa com o Sr. e a Srta. Hale, Higgins é enfático em sua analogia ao descrever o motivo do desligamento de Boucher do sindicato afirmando que “o sindicato é como um arado que prepara a terra para o tempo da colheita. Gente como o Boucher, seria demais querer compara-lo com uma margarida, pois ele está mais para uma erva-daninha que se espalha no chão, basta somente saber como convencer que sai do caminho.” (Idem, p.507).

Dias após a greve, o Sr. e a Srta. Hale voltam a se encontrar com Nicholas que, mais calmo, comenta sobre a manifestação e sobre o futuro dos grevistas. De acordo com o operário, após o fim da greve, causado pela ação dos “fura greves”, as fábricas voltariam a funcionar e

“Salve-se quem puder. As portas das fábricas terão necessidade de se abrir amanhã para deixar entrar todos os que anseiam por trabalho. Nem que seja só para mostrar que não tiveram nada a ver com uma medida que, se tivéssemos feito o que deveria ser feito, poderia ter levado os salários a um patamar nunca alcançado nestes dez anos.” (*Norte e Sul*, 2014, p.400).

Por assim ser, após a greve os trabalhadores deveriam se sujeitar aquilo que os patrões desejavam e impunham, podendo inclusive baixar ainda mais os salários. Na falta de uma legislação trabalhista que garantisse os direitos básicos dos trabalhadores, a exploração

tomava conta das fábricas, gerando uma série de abusos e explorações sobre os trabalhadores. Dias mais tarde, ainda desempregado por “manter-se fiel a sua classe” (Idem, p.503), Higgins começa a passar por longas dificuldades financeiras e pessoais, sobretudo após a morte de Bessy, o operário precisa buscar emprego aonde quer que seja.

Nas páginas seguintes uma surpresa: o suicídio de Boucher. Desaparecido logo após a greve, farto da vida miserável em que se encontrava e não podendo resolver os problemas financeiros que possuía, mas sobretudo envergonhado por toda a situação – pois era assim que os operários se sentiam para chegar a tal ato contra a própria vida (ARAÚJO; BICALHO, 2012, p.726) – o operário busca a solução no suicídio, afogando-se no riacho de North Milton. O peso na consciência de Higgins pela morte do companheiro o leva ao desespero.

Todos estes fatos levariam ao início de uma conversão de Higgins ao Cristianismo, pregado pelo Sr. Hale. Seu alento se daria a partir das suas práticas religiosas, não mais por seus vícios. A perda de Bessy em conjunto com o suicídio de Boucher e a retomada de um emprego na fábrica de Thornton – por indicação dos Hale – levaria a crença do operário em Deus e seu poder de mudança.

Percebe-se, então, que em ambas as produções os escritores buscaram deixar bem claro que as organizações e os movimentos operários visavam, de certa forma, equilibrar a sociedade, sendo que o romantismo aplicado por Gaskell era totalmente oposto a falta de otimismo ou crença na redenção expressa por Dickens, garantindo melhores direitos aos trabalhadores. Gaskell e Dickens construíram ficções sobre as figuras dos trabalhadores unidos e revoltados, cada qual em seu estilo literário, garantindo a sua integridade e demonstrando a força do operariado unido, as suas organizações e suas ações para melhores condições dentro da Inglaterra vitoriana.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pleno século XIX, durante o auge da industrialização e da urbanização inglesa, a força dos movimentos operários mobilizaram os estratos sociais do país, desde o Luddismo até a formação dos sindicatos após o Cartismo, posterior a década de 1840, modificando sua dinâmica. As mobilizações e as mudanças na sociedade inglesa neste século interferiram muito mais do que somente na organização sociopolítica da Inglaterra, mas perpassava, inclusive, pela esfera artística e cultural.

Neste período, era possível encontrar uma série de escritores literários que observavam e absorviam todo esse processo de mudanças no quadro social, geográfico, arquitetônico e social da Inglaterra que os chamava em muito a atenção, principalmente diante das condições que o operariado se encontrava. Desta forma, visto que a ficção é espelho da realidade, surgem, na década de 1850, duas grandes obras literárias que expressariam, em certo tom de crítica social e denúncia, os problemas enfrentados por essa sociedade vitoriana dentro dos romances folhetins, no jornal *Household Words*.

Charles Dickens, escritor e editor do jornal, ao publicar *Tempos Difíceis* em 1854 fazia uma crítica ao espírito utilitarista que a sociedade possuía, enquanto Elizabeth Gaskell – escritora e amiga de Dickens – publicaria no ano seguinte, 1855, o romance *Norte e Sul*, apresentando as relações e os conflitos entre trabalhadores e patrões dentro desta Inglaterra em tempos de plenas mudanças, através de uma ótica romantizada. Sobre a literatura, Raymond Williams (2011, p.262), consideraria que “tanto faz dizer uma coisa ou seu oposto: a experiência da cidade é o método da ficção; o método da ficção é a experiência da cidade. O importante é que a visão – e não se trata de uma visão única, e sim uma dramatização contínua – é a forma de escritura”.

Em *Tempos Difíceis*, o discurso realista de Charles Dickens buscou apresentar a sociedade de forma “nua e crua”, demonstrando as dificuldades vividas pelos operários na fictícia Coketown, mas sem oferecer-lhes nenhum fio de esperança para alguma mudança social para estes trabalhadores e para a ordem social do período. Já em *Norte e Sul*, Elizabeth Gaskell trabalha com os mesmos pontos através de uma perspectiva mais romantizada, apaziguando as ações e consequências dos personagens e acreditando na ideia de redenção, como a que acontece com o operário Higgins ou até mesmo com o industrial Thornton, no final do enredo.

Apesar de muito próximos, em questão temporal e no tema, cada autor adquiriu uma identidade própria para trabalhar com o enredo das obras, muitas vezes baseadas nas próprias

realidades individuais de cada um dos autores, através do contato que tiveram com estes mundos, seja direta ou indiretamente.

Figuras caricatas na literatura de Dickens, como a do rico Sr. Bounderby e do operário Blackpool, entram em contraposição com as figuras mais humanitárias e neutras da literatura de Gaskell, como a do Sr. Thornton e a de Nicholas Higgins, visto que cada autor se apropria de um estilo de escrita e de uma escola literária, seja romântica ou realista, como vertente dos seus enredos. Muito mais do que isso, as relações internas entre estes personagens são desenvolvidas de forma totalmente ambíguas, seja em tom opressor, como apresentado por Dickens, ou conciliador, proposto por Gaskell.

Além do mais, nas produções é desmistificada a visão de que os operários agem como massa, ou são homogêneos em sua organização, pois ao abordarem e darem protagonismo para Higgins e Blackpool, tanto Gaskell, quanto Dickens encarnaram nos personagens personalidades fortes e únicas. Suas ações, ideias e sentimentos diante de determinados assuntos, como a greve, além de sua participação nos sindicatos, reforça a ideia da união destes trabalhadores, sobretudo da sua capacidade de organização e mobilização, pondo fim a concepção de massificação do operariado como seres que puramente trabalhavam.

Ambas os romances literários servem de fontes históricas, pois possibilitam através do olhar dos seus autores, conhecer a realidade da Inglaterra em plena Revolução Industrial, sobretudo nos conflitos entre as classes que tangem as relações entre patrões e empregados, além de possibilitar pensar essa sociedade de forma mais heterogênea, como uma espécie de janela que nos permita observar um universo feito de sujeitos distintos, que (re)criam e (re)constroem suas vidas, naquele cenário em que atuam. Assim, por meio do tema desta pesquisa, pode-se dizer que estes romances repercutiram representações, tanto das realidades vividas, quanto observadas dos escritores, ambas expressas em suas obras, sobretudo referentes as péssimas condições de vida e trabalho dos operários.

Por assim ser, denotou-se que ambas as obras literárias abrem espaço para duas possibilidades de leituras sobre o mesmo tema, cada qual do seu modo. A desconstrução de paradigmas ligados tanto aos patrões, quanto ao operariado, foi possível através do modo como estes escritores os apresentaram em suas obras, abrindo espaço para novas concepções de realidade urbana e organização social na Inglaterra durante a Revolução Industrial. Muito mais do que apenas divertir e entreter seus leitores, estas obras abriram espaço para novas análises sobre a Revolução Industrial e seus personagens.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *Fontes literárias*

DICKENS, Charles. **Tempos Difíceis**. São Paulo: Boitempo, 2014. Tradução de José Baltazar Pereira Júnior.

GASKELL, Elizabeth. **Norte e Sul**. São Paulo: Martin Claret, 2016. Tradução de Carlos Duarte e Anna Duarte.

### *Bibliografia*

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru: EDUSC, 2007, 254 p.

ALVIM, Luiza. Os jornais, o romance e o folhetim. In: 6º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2008, Niterói. **Anais da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia – ALCAR**. Niterói, 2008.

ARAÚJO, Emmanuelle Silva; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. **Suicídio: crime, pecado, estatística, punição**. Revista de Psicologia da IMED. 2012, pp. 723-34.

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**: São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CAILLÉ, Alain. O princípio de razão, o utilitarismo e o antiutilitarismo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília (DF), v. 26, n. 1-2, p. 26-56, 2002.

CAMPINHO, João de A. R.; LEMOS, Patrícia Rocha. Teoria da ação sindical: elementos para uma análise marxista. In: VII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX ENGELS, 2012, Campinas. **Anais...** . Campinas: Unicamp, 2012. p. 1 - 10.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés: Difel, 2002. \_\_\_\_\_ . Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martin Fontes, 1992, pp. 211-238.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

GAY, Peter. **Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HOBBSBARN, Eric J. **A Era do Capital: 1848-1875**. São Paulo: Paz e Terra, 2011. \_\_\_\_\_ . **A Era dos Impérios: 1875-1914**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martin Fontes, 1992.



KRAMER, Lloyd S. Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, pp. 131-173.

MATOS, Erika Paula. **Tempos Difíceis na Inglaterra: Forma literária e representação social em Hard Times de Charles Dickens**. 2007. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Letras Modernas Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORETTI, Franco. **O Burguês: entre a história e a literatura**. São Paulo: Três Estrelas, 2014, 247 p.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, n. 14, pp. 31-45, set. 2003.

PUGLIA, Daniel. **Charles Dickens: Um escritor no centro do capitalismo**. 2006. 186 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

RUDÉ, Georges. **A multidão na história: estudo dos movimentos populares na França e Inglaterra (1730-1848)**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SILVA, Maurício; MOREIRA, Márcia. A crítica social de Charles Dickens nas obras "Grandes Esperanças" e "Oliver Twist". **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v. 3, n. 2, p.126-134, maio/ago. 2009.

SILVEIRA, Tayane Pereira. **Representações da Revolução Industrial e da classe trabalhadora em North and South, de Elizabeth Gaskell**. 2016. 67 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SOUZA, Roberto A. de. **Uma ideia moderna de literatura: textos seminais para os estudos literários (1688-1922)**. Chapecó: Argos, 2011.

STEVENS, Cristina. A operária no romance inglês e estadunidense do século XIX. **Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura**, Brasília, n. 12, pp.9-24, jan. 2002.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. A economia moral da utilidade. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 36, p.293-317, mar./abr. 2002.

THOMPSON, Edward P. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A Formação da Classe Operária Inglesa: A força dos trabalhadores**: 2. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura y sociedad 1780-1950: de Coleridge a Orwell**. 3. Ed. Buenos Aires: Nueva Vision, 2001.

\_\_\_\_\_. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, 531p. Tradução de Paulo Henrique Britto.

WOOD, Ellen Meiksins. As origens agrárias do capitalismo. **Crítica Marxista**, n. 3, 50 v., pp.12-29, jul./ago. 1998. Tradução de Lígia Osório Silva.